



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

LUIZ EDUARDO BARBOSA DA SILVA
MARIA VICTÓRIA OLIVEIRA VIDAL SANTOS

**DÁ PARA DESCOLONIZAR NO INSTAGRAM?
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO PERFIL NÃO ME COLONIZE**

Brasília - DF
2025



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**LUIZ EDUARDO BARBOSA DA SILVA
MARIA VICTORIA OLIVEIRA VIDAL SANTOS**

**DÁ PARA DESCOLONIZAR NO INSTAGRAM?
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO PERFIL NÃO ME COLONIZE**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Gerales

Brasília - DF
2025

**LUIZ EDUARDO BARBOSA DA SILVA
MARIA VICTORIA OLIVEIRA VIDAL SANTOS**

**DÁ PARA DESCOLONIZAR NO INSTAGRAM?
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO PERFIL NÃO ME COLONIZE**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de bacharelado em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Elen Cristina Gerales

Data da aprovação:

Banca examinadora:

Profa. Dra. Elen Cristina Gerales
Orientadora

Profa. Dra. Fabíola Orlando Calazans Machado
Examinadora

Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino
Examinadora

Profa. Dra. Nathália Oliveira Teles da Silva
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos de Luiz Eduardo Barbosa da Silva:

Agradeço, primeiro, a todas lutas coletivas que conquistaram importantes direitos para que hoje eu pudesse ter a oportunidade de estudar e sonhar com um futuro diferente do que foi traçado para pessoas como eu no Brasil.

Reitero a importância da Universidade Pública na formação crítica e inovadora. Embora tenha sido ocupada por muito tempo pelas elites brasileiras, é cada vez mais importante que os nossos estejam nesses espaços pensando o Brasil. E, portanto, que a educação de qualidade e gratuita alcance cada vez mais quem sempre foi excluído desse espaço.

Sou feliz em me formar no curso de Comunicação Organizacional. Todas as pessoas que compõem o curso sempre foram muito acolhedoras, da secretaria à sala de aula. Inclusive, as professoras Kelly Quirino e Fabíola Calazans que compõem a banca deste trabalho e cujas aulas nunca esquecerei. Destaco também a professora Elen Geraldês, minha colega de escrita Maria Vidal e o professor Elton Pinheiro que apostaram em mim e não me deixaram desistir. Agradeço também ao meu colega de curso Luiz Eduardo que por muito tempo me deu carona até a rodoviária, renovando minhas esperanças de que podemos ter aliados nessa jornada.

Por fim, sou extremamente sortudo da família nuclear que tenho, Camilo e Gabriel, que sempre foram o chão para que eu pudesse pular alto. Também sou eternamente agradecido por Cintia, Ayeska e Jaiana por terem me ensinado um monte, por me encorajar a arriscar e por estenderem a mão para uma grande amizade.

Agradecimentos de Maria Victória Vidal:

Nenhuma conquista é solitária, por isso, agradeço à minha mãe, Gisele Vidal, que me guiou, nutriu, impulsionou para que esse sonho de ser graduada de federal se realizasse e desse certo. Mãe, essa conquista é nossa!

Agradeço ao meu quilombinho: Ana Terra, Julia Oliveira, Anna Flávia, Pedro Henrique, Nara Barbosa, Beatriz Barreto, Nicolas Monteiro por me aproximarem da sabedoria ancestral, da beleza negra e da nossa força. Essa conquista também é nossa.

Agradeço a Nossa Senhora, a quem sempre recorri em momentos íntimos. Ao meu pai, que, em sua filosofia me ensina; aos meus irmãos, Iuri e Felipe, que vibram com minhas conquistas e acolhem minhas frustrações; aos meus padrinhos, Moisés e Junior, e à minha madrinha Cecília, que sempre se fizeram presentes e estavam apostos para qualquer necessidade que eu poderia ter - seja na ida para uma conferência ou no socorro de reanimar o carro que ficou sem bateria no estacionamento da faculdade. Titia Zaia, obrigada pela cumplicidade. Kaká, obrigada pelas orações, peço que continue!

Aos meus amigos de curso, que tornaram essa trajetória mais leve e cheia de aprendizados - e aos que ajudaram nas caronas (Luiz Alves, eu te amo! Titio Moacir, eu te amo!), minha eterna gratidão. Meus pupiamigos e amigas da vida, que sempre me apoiam e acreditam em mim - foi um prazer enorme viver dos HH às tardes na BCE com vocês.

Como fui feliz na Faculdade de Comunicação! Em especial, no curso de Comunicação Organizacional, meu mais profundo agradecimento por serem tão generosos, ricos, diversos e únicos. Professora Elen Geraldês, obrigada por sempre me ensinar a olhar para o agora e para o além do que eu penso que posso ser e desejar. Professora Fabíola Calazans, obrigada por me ensinar a ser generosa, acreditar em mim e ser minha orientadora no PIBIC - realizando esse meu sonho. Rosinha, que nunca soltou minha mão, obrigada por todo acolhimento, bronca e impulso, como você é especial.

A todos os tios e tias que zelam pelo departamento de Comunicação e que sempre me deixaram usar a sala com ar-condicionado nos dias quentes, meu carinho e reconhecimento. E meu mais profundo agradecimento a toda equipe de servidores da FAC-UnB. Professora Dione, obrigada pela gestão de excelência!

Acredito que sou fruto do seu trabalho em fortalecer e espalhar a palavra de mulheres negras, dando espaço para que nossas vivências sejam reconhecidas e valorizadas. À professora Kelly Quirino, que compõem essa banca, a quem não tive como docente, mas que, com a sua presença no corredor da FAC, me inspirou e fortaleceu o espaço, meu muito obrigada.

Acredito que o ancestral de amanhã é construído no hoje. Espero que esse trabalho inspire muitas pessoas pretas. Meu muito obrigada ao Luiz Eduardo Silva, por topou mergulhar nesse mar comigo.

*“Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós
Que eram sonhos dos meus ancestrais
Vitória é sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares
Crendo que na volta somos mais
[...]
É o primeiro diploma
A viagem, a nova porta que se abre
Da janela do carro, o vento diz
Esteja atento aos milagres”*

(Emicida e Ivete Sangalo - Trevo, Figuinha e Suor na Camisa)

RESUMO

Este trabalho tem como questão-problema: como o perfil do Instagram "não me colonize" se apropria dos discursos anticolonialistas e antirracistas e os articula dentro da lógica de uma rede social como o Instagram? Tem como objetivos descrever e analisar quais recursos linguísticos e visuais foram utilizados, entender se a interação do perfil com seus seguidores aprofunda os debates e como o perfil lida com a lógica algorítmica e comercial do Instagram. Para isso, fundamentou-se no pensamento de Lélia González, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Deivison Faustino e Walter Lippold. Para se atingir os objetivos, o percurso metodológico envolveu uma análise do conteúdo das páginas, seguida pela Análise de Discurso, na perspectiva da linguista brasileira Eni Orlandi. Os resultados indicaram que o perfil se insere em um processo de produção de conhecimento e reflexão sobre decolonialidade por parte de Obirin Odara. No entanto, a pesquisa revelou que a produtora de conteúdo também está inserida nos processos de produção e consumo das redes sociais, sendo influenciada, assim como o discurso produzido, por lógicas de algoritmo, arquitetura da plataforma e suas limitações decorrentes. A arquitetura da rede social impede que a interação entre o perfil e os seguidores aprofunde os debates. Por fim, o estudo evidenciou a importância de analisar como os discursos anticolonialistas e antirracistas se manifestam nas redes sociais e como as plataformas digitais podem tanto impor obstáculos quanto promover condições favoráveis para a disseminação dessas ideias. Ao mesmo tempo, a pesquisa destacou a necessidade de criação constante de estratégias atualizadas frente às mudanças frequentes dos processos colonizadores.

Palavras-chave: Racismo; Decolonialidade; Ancestralidade; Mulheres Negras; Instagram.

ABSTRACT

This study's problem question is: how does the Instagram profile “não me colonize” (don't colonize me) appropriate anti-colonialist and anti-racist discourses and articulate them within the logic of a social network like Instagram? Its objectives are to describe and analyze the linguistic and visual resources used, to understand whether the profile's interaction with its followers deepens the debates and how the profile deals with Instagram's algorithmic and commercial logic. To do this, it was based on the thinking of Lélia González, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Deivison Faustino and Walter Lippold. In order to achieve the objectives, the methodological approach involved an analysis of the content of the pages, followed by Discourse Analysis from the perspective of Brazilian linguist Eni Orlandi. The results indicate that the profile is part of a process of knowledge production and reflection on decoloniality by obirin odara. The results indicated that the profile is part of a process of knowledge production and reflection on decoloniality on the part of obirin odara. However, the research revealed that the content producer is also part of the production and consumption processes of social networks, and is influenced, as is the discourse produced, by algorithmic logics, platform architecture and its resulting limitations. The architecture of the social network prevents interaction between the profile and followers from deepening debates. Finally, the study highlighted the importance of analyzing how anti-colonialist and anti-racist discourses manifest themselves on social networks and how digital platforms can both impose obstacles and promote favorable conditions for the dissemination of these ideas. At the same time, the research highlighted the need to constantly create updated strategies in the face of frequent changes in colonizing processes.

Keywords: Racism; Decoloniality; Ancestry; Black women; Instagram.

LISTA DE TABELAS

Tabela - Revisão de literatura.....	38
-------------------------------------	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Perfil @naomecolonize.....	42
Imagem 02 - Publicação.....	43
Imagem 03 - Publicação.....	44
Imagem 04 - Publicação.....	45
Imagem 05 - Publicação.....	46
Imagem 06 - Publicação.....	47
Imagem 07 - Publicação.....	48
Imagem 08 - Publicação.....	53
Imagem 09 - Publicação.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A CONSTRUÇÃO DO AQUÁRIO DE ÁGUA SALGADA.....	18
2. TODO PEIXINHO É IGUAL?.....	25
3. PESCA DE ARRASTO.....	30
4. NO CAMINHO, CURVAS E DESVIOS.....	37
5. VAMOS MOLHAR A PALAVRA?.....	42
5.1 Tipos de publicações.....	43
6. PEIXE DE ÁGUA DOCE NO MAR.....	51
6.1 Vivo o ser mulher a partir da raça.....	55
6.2 Água mole, palavra dura, tanto bate até que inunda.....	59
PERTENCER ÀS ÁGUAS.....	61
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Esta monografia é como enfrentar uma onda em mar aberto — intensa e transformadora; como um mergulho em águas geladas e salgadas — que cura e renova; ou como a brisa do mar — que guia e inspira. O tema é o mergulho na ancestralidade, tendo como objeto de estudo o perfil “não me colonize”, de obirin odara¹, idealizadora do perfil no Instagram, para quem “a escrita é sempre exposição”. Essa frase ecoa ao longo deste trabalho, pois a escrita aqui não se limita ao rigor acadêmico, mas é também uma exposição do percurso pessoal da pesquisadora, um corpo negro em busca de compreender sua ancestralidade fora dos padrões colonizados. Em um contexto contemporâneo marcado por imagens que refletem um Estado genocida, emerge a questão: como as pessoas negras se reconhecem enquanto tais em uma sociedade que frequentemente as empurra para longe desse reconhecimento?

Durante muito tempo, essa reflexão foi evitada, buscando proteção diante de um mundo que frequentemente nega o valor das histórias e experiências negras. Esse confronto interno, presente desde o nascimento e atravessando os diversos eixos da vida, encontra eco na canção “Negro Drama” dos Racionais MC’s no ano de 2002, que questiona: “Seu filho quer ser preto, ah, que ironia”. Afinal, o que há de *glamour* em querer ser preto? Esse paradoxo foi amplificado ao se deparar com uma publicação do perfil em 06 de abril de 2023, que descreve o conceito de “banzo”:

Banzo é a falta da terra, do pertencimento que nos torna pessoas, da ancestralidade como metodologia de organização do nosso povo - encarnado ou não, é o que fica dentro de nós e ressoa informando que já fomos algo além do que somos hoje. Banzo é estrutural, e compreendê-lo só é possível quando mergulhamos profundamente no mar da memória ancestral. (obirin odara, 2023, n.p.)

Foi nesse mergulho que se encontrou o fio condutor desta pesquisa, que busca compreender como as plataformas digitais, construídas sob lógicas coloniais, podem ser ressignificadas como espaço de resistência negra. O perfil “não me colonize” convida a refletir sobre a colonialidade do tempo e dos corpos negros,

¹ Utilizamos o nome obirin odara e do perfil em letra minúscula durante todo o texto, respeitando a forma como é posto na própria página. Refletimos se não seria uma influência de bell hooks - que escolheu valorizar os conteúdos de suas obras, em vez de sua pessoa e usa-se o seu nome em minúsculo, compondo o processo de escrita fazendo jus às lógicas que padronizam e pensam fora da caixa.

provocando o pensamento: como reconstruir narrativas e afirmar subjetividades em ambientes estruturados para invisibilizar essas experiências?

A presente pesquisa tem como objeto de análise o perfil “não me colonize” no Instagram, criado em 2019. Portanto, nossa questão-problema é sobre como o perfil se apropria dos discursos anticolonialistas e antirracistas e os articula dentro da lógica de uma rede social como o Instagram? Esse espaço digital criado pela obirin propõe-se a refletir sobre as estruturas de colonialidade e promover a emancipação coletiva da população negra brasileira. Inserido em um contexto histórico em que as questões raciais ganham maior visibilidade e em que a população negra tem tido mais acesso ao ensino superior e à internet - marcos importantes do período de políticas de ação afirmativa, o perfil representa um exemplo contemporâneo de como plataformas digitais podem ser usadas como espaços de conectividade com a ancestralidade, mesmo dentro de dinâmicas de poder capitalistas e neoliberais.

Conforme Sueli Carneiro (2023), o racismo estrutural perpetua a exclusão da população negra ao criar dispositivos de racialidade que subordinam corpos negros a posições inferiores na hierarquia social. Essa exclusão também se reflete no campo digital, onde tecnologias frequentemente reproduzem as lógicas do poder colonial (Faustino e Lippold, 2023). Nesse contexto, o conceito de Ciberquilombismo, proposto por Nelza Franco (2023), ganha relevância ao destacar como redes sociais como o Instagram podem ser apropriadas por populações negras para resistir ao epistemicídio e reafirmar sua identidade.

Entretanto, como os discursos de resistência enfrentam as limitações impostas pelas plataformas digitais, que operam sob uma lógica neoliberal e algoritmos que reforçam desigualdades preexistentes? É possível construir narrativas emancipatórias em espaços estruturados para a exploração comercial e o controle de informação? Como a formação do pensamento e o discurso se reproduzem, espalham e ganham espaço nesse meio? Essas questões norteiam a presente investigação e revelam as tensões entre resistência e dominação no ambiente digital. Visamos contemplar os seguintes objetivos específicos: identificar quais recursos linguísticos e visuais são utilizados para se comunicar; verificar se a interação entre perfil e seguidores produz debates aprofundados para além da proposta da publicação; explicar como o perfil lida com a lógica de algoritmo e comercial do Instagram.

Da necessidade de colocar um projeto realizado por Ana Terra, amiga da Maria Vidal, sobre Nelson Mandela no mundo, foi que encontramos o perfil não me colonize em 2020 - que, por sua vez, soube acolher e dar espaço, através de uma live no instagram do perfil “não me colonize” com o perfil pessoal de Ana Terra, a este projeto bibliográfico de Mandela. obirin odara, nome artístico de Débora Oliveira Ramos, é Doutoranda em Filosofia na Universidade do Rio de Janeiro. Criadora de conteúdo, como se define no LinkedIn, Débora não desassocia o seu universo acadêmico com o universo das redes sociais e acreditamos que isso é o que mais marca o seu discurso na rede. Afinal, pesquisadores são formadores de opinião e criadores de conteúdo.

O perfil “não me colonize”, combina discurso acadêmico e prática cultural para promover a descolonização² do tempo e da memória. O conceito de amefricanidade, proposto por Lélia Gonzalez (2020), também é central para compreensão das publicações do perfil, que busca deslocar o branco como referência central e valoriza a ancestralidade negra. Essa perspectiva está alinhada à ideia de escrevivência de Conceição Evaristo (2020), que reforça a importância das narrativas negras para romper com silenciamentos históricos.

A pesquisa se fundamenta na Análise de Discurso (AD), explorada pela renomada linguista brasileira Eni Orlandi, que navega pelo pensamento do filósofo francês Michel Pêcheux, e busca compreender como o perfil de Instagram utiliza recursos linguísticos e visuais para promover suas ideias. Os discursos analisados são perpassados pela relação entre linguagem, ideologia e tempo, conforme descrito por Foucault, que entende o discurso como campo de embate entre dominação e resistência.

Este trabalho busca, portanto, contribuir para o campo de estudos ao explorar como discursos decoloniais são produzidos e disseminados no contexto virtual, dialogando com questões sobre ancestralidade, subjetividade negra e resistência coletiva. Além disso, problematiza como o Instagram, enquanto plataforma marcada

² O pensamento pós-colonial surge no século XX no contexto de independência de colônias e reflete sobre a permanência dos efeitos colonialistas após o fim do domínio, utilizou-se muitas vezes de teorias e métodos ocidentais. Enquanto o pensamento decolonial/descolonial propõe uma ruptura radical com as estruturas coloniais, inclusive em aspectos de epistemologia e de valorização dos saberes marginalizados. No entanto, de acordo com o professor Wallace de Moraes (2024), acreditamos que é mais importante considerar todas as contribuições ao invés de colocá-las umas contras as outras em uma ideia de classificação de melhor ou pior.

pela lógica neoliberal e colonial, condiciona e limita as formas de expressão de grupos racializados.

Contamos com três escritoras fundamentais para o entendimento decolonial, Lélia González (1935-1994), filósofa negra, foi uma intelectual, antropóloga, professora e ativista brasileira reconhecida como uma das pioneiras do feminismo negro no Brasil. González teve sua trajetória marcada pela academia, política e ativismo, tornando-se uma referência fundamental na intersecção entre raça, gênero e classe.

Sueli Carneiro, é uma das mais importantes intelectuais e ativistas brasileiras no campo dos direitos humanos, com foco na luta antirracista e feminista. Criadora do conceito Dispositivo de Racialidade - que é o conjunto de práticas, discursos que produzem e mantêm a hierarquia racial na sociedade. Carneiro faz uma análise crítica sobre como o racismo opera como um sistema de poder estruturante na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo é uma grande intelectual brasileira contemporânea. Contribuiu com a literatura afro-brasileira e por sua escrita profundamente marcada por questões de raça, gênero, classe e ancestralidade. Ainda atua como professora, ensaísta e ativista. Criou o conceito de Escrivência, que é a escrita das experiências de vida de mulheres negras, transformando vivências pessoais e coletivas - dando protagonismo às vozes historicamente silenciadas.

Tomamos como objetivo, então, quatro passos nesse trabalho. O primeiro, “Vamos molhar a palavra?”, demonstra como o perfil “não me colonize” se apresenta na rede social. Para isso, analisamos 100 postagens das 307 publicações da página, onde realizamos uma análise do conteúdo - selecionamos as postagens, organizamos em categorias como formato, temas abordados e analisamos os padrões comunicacionais. Entendemos que “não me colonize” é um perfil orgânico, com alguns padrões de publicações mesmo com discursos diferentes - espontâneos e planejados.

O subcapítulo “Peixe de água doce no mar”, nome retirado de uma publicação da página, exemplifica um ambiente pouco favorável para a sobrevivência. Desse modo, esse capítulo usa de metáforas e elementos das religiões de matriz africana como possibilidades de caminhos para a descolonização e resistência. Discutimos a ficção colonial criada pelo branco, o conceito de colonialismo digital e a invisibilidade de revoltas negras na história e nos algoritmos, e as alternativas baseadas nos

saberes tradicionais africanos. Como na publicação que analisamos, que comunica “menos Marx, mais Esú”, questionando a eurocentricidade do marxismo e que sugere pensar além das dicotomias, como capitalismo e comunismo. É importante ampliar nossas referências para construir futuros descolonizados!

A segunda análise afirma que “a raça vem antes do gênero”, argumentando que a experiência como mulher negra é atravessada pela raça, linha de pesquisa de González e Carneiro, e reflete sobre gênero e descolonização, destacando a necessidade de repensar conhecimentos à luz de tradições africanas. Obirin questiona o modelo meritocrático ocidental e propõe a busca de alternativas coletivas baseadas no Ubuntu e utiliza a Escrivência como ferramenta de resistência. Promovendo encontros presenciais e discussões online, valorizando o coletivo e refletindo o conceito de Ciberquilombismo, conectando pessoas e resistindo às opressões coloniais em espaços físicos e digitais.

Por fim, no subcapítulo “Água mole, palavra dura, tanto bate até que inunda” destacamos o perfil como uma plataforma de compartilhamento de reflexões individuais e de conhecimento em contraste com a lógica industrial de produção de conteúdo atual. Sem buscar autoridade acadêmica explícita, visto que o perfil nasce durante o período de escrita do mestrado de Obirin, observamos uma prioridade da mensagem sobre a estética com o uso de recursos básicos da plataforma, com discursos que refletem sobre a necessidade de pensar outros “tempos” e práticas, buscando inspirações nas tradições indígenas e africanas como formas de resistir e escapar das imposições do sistema.

A pesquisa busca evidenciar como o “não me colonize” se posiciona como um espaço de resistência e reflexão sobre a ancestralidade negra, utilizando o Instagram, uma plataforma marcada por lógicas coloniais e neoliberais, para promover discursos decoloniais e emancipatórios. A partir de análises que combinam discurso acadêmico e práticas culturais, o trabalho destaca as tensões entre a dominação digital e as possibilidades de resignificação oferecidas pelo Ciberquilombismo e pela Escrivência. Inspirando-se em perspectivas como as de Lélia González, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo, o perfil reflete a luta contra o epistemicídio e busca por narrativas que valorizem o coletivo, a memória ancestral e a descolonização de saberes. Assim, reafirma-se a importância de ampliar referências e práticas negras na construção de futuros mais justos e descolonizados.

1. A CONSTRUÇÃO DO AQUÁRIO DE ÁGUA SALGADA

Neste capítulo, vamos compreender como o Brasil e a América Latina foram moldados a partir dos séculos de colonização no continente e como estão diretamente relacionados com o desenvolvimento do capitalismo no mundo. Nos sustentamos nos trabalhos de Lélia González e Sueli Carneiro para entender os processos políticos, econômicos e culturais resultantes de um ambiente desfavorável à prosperidade de populações negras e indígenas.

O colonialismo não se restringiu a impor língua, cultura, religião e divisão territorial aos povos dominados. Ele também realizou processos de captura das subjetividades e a disseminação de uma ideologia que há de ser reproduzida para alcançar com sucesso os objetivos de colonização. A lógica de poder, portanto, se repercute a partir das populações marginalizadas submetidas a complexos aparatos de dominação.

O capitalismo, cujo desenvolvimento está intrinsecamente ligado ao processo de expansão de mercados ao redor do mundo (colonização) por parte da Europa, se estrutura a partir do subdesenvolvimento de algumas regiões específicas, conhecidas geralmente como Sul Global. No Brasil, tal processo foi intensificado por não terem ocorrido, ao longo dos séculos, transformações estruturais no setor agrário ou mudanças tecnológicas e industriais de tal forma que modificassem sua posição no comércio internacional. De fato, a posição ocupada pelo país de grande produtor de matéria-prima e de alimentos sempre foi mantida em prol da manipulação das metrópoles do Norte Global, que o tornaram uma fonte produtora de lucro (González, 2020).

Tal sistema, intrinsecamente relacionado à raça, se dará a partir do que equivocadamente chamamos de “Descobrimento”, que solidificou o domínio europeu e a consolidação da supremacia branca global. Portanto, estabeleceu-se um sistema político global que rege as normas de distribuição da riqueza, benefícios e direitos em benefício das populações brancas (Carneiro, 2023).

A filósofa Sueli Carneiro propõe o conceito de Dispositivos de Racialidade para compreensão das relações de poder a partir da raça com o objetivo de subjugar àquelas populações que não são consideradas brancas:

Para Foucault, um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que se engendra a partir de uma multiplicidade de elementos e pela relação de poder que entre eles se estabelece. O dispositivo expressa, ainda, um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica. (Carneiro, 2023, p.24)

O arranjo social, político e econômico de divisão global explicitado por Sueli Carneiro também se reproduz nacionalmente. No Brasil, populações brancas se localizam principalmente nas regiões que possuem maior impacto político e econômico, especialmente no Sudeste e no Sul, enquanto as populações negras tendem a ser a maioria no restante das regiões mais pobres. Assim, pontua-se um desenvolvimento desigual do país e combinado que reflete uma dependência neocolonial e um colonialismo interno. A notar-se pelo conhecido “milagre brasileiro” de 1968 a 1973 cujos avanços econômicos não se refletiram para toda a população em um contexto de deterioração de condições de vida das populações urbanas de renda baixa e a intensa concentração de renda (González, 2020).

O dispositivo de racialidade se dá a partir da construção do “Outro” para estabelecer as relações de poder e as suas práticas, enquanto preserva a categoria do “Eu” e estabelece as diferenças por meio do discurso: o dispositivo de racialidade também produz uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação. (Carneiro, 2023, p.28)

Como parte desse processo, o epistemicídio é elemento-chave para a dominação étnica e racial a partir de uma deslegitimação do conhecimento produzido por grupos minorizados, que deixam de ser sujeitos de conhecimento, e provavelmente, se tornam objetos do conhecimento (Carneiro, 2023). Carneiro vai além e afirma:

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. (Carneiro, 2023, p.83)

Logo, desqualifica-se o subjugado em seguida para desqualificar suas formas de conhecimento, retirando, em seguida, a sua racionalidade. Não somente pela negação da racionalidade, mas como também pela assimilação cultural que lhe é imposta. Para tal, o epistemicídio que atinge grupos racialmente minorizados é uma tecnologia que atua no controle de mentes e corações aliado a outros processos de controle. No Brasil, a Igreja Católica será a primeira a tentar suprimir, condenar, censurar e controlar o conhecimento da população negra e seguirá por boa parte da nossa história (Carneiro, 2023).

O colonialismo europeu nos moldes como o conhecemos hoje é parte de um processo de racismo como “ciência” a partir da segunda metade do século XIX, amparada em toda a tradição etnocêntrica pré-colonialista que desde o século XV considerava absurdas, supersticiosas e exóticas as manifestações dos povos “selvagens”. Tal “ciência” definia uma superioridade eurocristã (branca e patriarcal), que servirá como base para as explicações do evolucionismo positivista e definirá boa parte do olhar da produção acadêmica ocidental (González, 2020).

Ao ver a resistência dos colonizados frente à anterior violência, o racismo ganha contornos mais sofisticados que o tornará quase imperceptível, ao ponto de soar como “verdadeira superioridade” (González, 2020).

É nessa conjuntura de plena expansão do capital monopolista pelo globo terrestre - mas também em decorrência dela - que se observa a emergência de um novo e mais eficaz tipo de racismo: o chamado “racismo científico”. Antes desse período, a desumanização colonial, quando fundamentada, se dava por meio de elementos religiosos cristãos. No século XIX, porém, quando a burguesia europeia tinha diante de si, de um lado, a superação quase completa da sociabilidade feudal e a consolidação formal do direito burguês - em seus pressupostos de igualdade e liberdade - e, do outro lado, as desigualdades substanciais de classe e gênero criadas pelo capitalismo, e sobretudo a necessidade de novas incursões coloniais em territórios não europeus, o racismo adquire novas funções e dimensões. (Faustino e Lippold, 2023, pg. 61 e 62)

Ao olharmos para a formação histórica dos países ibéricos, Espanha e Portugal, observamos a presença de invasores que se diferenciavam pela religião

islâmica e por elementos étnicos de populações negras e árabes. A presença moura na região não apenas deixou profundas marcas nas sociedades ibéricas como no restante da Europa. Esse período histórico deu sólida experiência à Espanha e Portugal quanto aos processos mais eficazes de articulação das relações raciais (González, 2020).

Sabemos que as sociedades ibéricas se estruturam a partir de um modelo rigidamente hierárquico, onde tudo e todos tinham seu lugar determinado (até mesmo o tipo de tratamento nominal obedecia às regras impostas pela legislação hierárquica). Enquanto grupos étnicos diferentes e dominados, mouros e judeus eram sujeitos a violento controle social e político. (González, 2020, p.119)

E a América Latina como herdeira dessa experiência gera um racismo sofisticado para a manutenção de populações negras e indígenas nas bases mais baixas das sociedades do continente americano.

As sociedades que vieram a constituir a chamada América Latina foram as herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual) e das técnicas jurídico-administrativas das metrópoles ibéricas. Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação, uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante. (González, 2020, p.119)

A eficácia do discurso ideológico obtém sucesso pela internalização dos beneficiados e prejudicados pela lógica racista, veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais. Perpetua assim a ideia de que as classificações e os valores do Ocidente branco são universais e os únicos verdadeiros, gerando, inclusive, processos violentos de pessoas buscando embranquecimento ao negar a própria raça e cultura (González, 2020).

No Brasil, sendo a população negra quem irá constituir a maior parte das posições da base da pirâmide social (González, 2020).

[...] é nesse sentido que o racismo - enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas - denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. (González, 2020, p.29)

Obviamente, há quem questione que brancos pobres também sofrem os efeitos da exploração capitalista. No entanto, em um contexto de competitividade gerado por esse sistema, o preenchimento das melhores posições tenderão a beneficiar a população branca. E é a partir da lógica higienista da política de

incentivo à imigração europeia no Brasil que é possível identificar a divisão racial estabelecida na dinâmica econômica brasileira (González, 2020).

Lélia Gonzalez (2020) esquematiza algumas tendências dos teóricos brasileiros quando buscam explicar a situação da população negra. A partir da sociologia, ela enfatiza que há uma tendência de justificar que a marginalização das pessoas negras se dá pela dificuldade de adaptação durante o processo de abolição, onde tal população estava acostumada ao trabalho no modelo escravocrata e não se encaixou no modelo de trabalho livre. Tal situação explicaria as desigualdades raciais vigentes. No entanto, desconsideram que durante a transição dos modelos de trabalho, a maior parte da população negra já era livre e economicamente ativa. Sendo assim, responsabiliza a população negra por sua dificuldade de mobilidade social e pouco responsabiliza a população branca e o seu domínio das instituições sobre a situação atual do negro. A segunda tendência, marxista ortodoxa, afirma que a discriminação racial é um instrumento utilizado para a divisão do proletariado. Uma abordagem que não contempla a realidade brasileira quando a maior parte da população está relacionada a trabalhos não qualificados, temporários e outros formatos semelhantes. Por fim, a terceira tendência afirma que os grupos racialmente subordinados internalizaram e reproduzem os aspectos culturais, ideológicos e políticos da branquitude, assumindo a ideia de que é preciso reconhecer a sua posição na sociedade e de que as pessoas brancas são superiores nos mais diversos elementos da vida (González, 2020).

Assim, nos leva ao mito de democracia racial e da cordialidade brasileira estabelecidos no país que define a pessoa negra como igual a todas as outras, e apoia a isenção de responsabilidade da branquitude em relação às populações negras, pois estabelece que as pessoas negras são responsáveis por não ascenderem socialmente e não participarem dos processos políticos, sociais, econômicos e culturais devido a diversos estigmas pré-estabelecidos a essa população (González, 2020).

Essa suposta ausência de ação recai na ideia de que esses povos submeteram-se a um sistema escravista sem resistência, o que não se constata como verdade ao considerar a história dos quilombos. Tal ideologia se encontra tão arraigada, que mesmo as correntes progressistas reproduzem a injustiça racial (González, 2020).

Em sintonia, o silêncio ou o silenciamento sobre a existência de uma discriminação racial no Brasil é o que potencializará as dinâmicas de dominação no país (Carneiro, 2023).

A título de exemplo, Lélia Gonzalez pontua como o primeiro Estado livre de todo o continente americano, a República Negra de Palmares, não é destacada pela história oficial do país nem difundida na educação, apesar de ter resistido por um século, de 1595 à 1695, na antiga Capitania de Pernambuco. Palmares, liderada por Zumbi, era constituída por negros, indígenas, brancos e mestiços e seu modelo de trabalho livre beneficiava a toda a comunidade. Reforçando que o quilombo foi o berço da nacionalidade brasileira cuja língua oficial era o “pretuguês”, conceito proposto por Lélia Gonzalez sobre a marca de africanização do português falado no Brasil, e o catolicismo sem o poder estabelecido dos padres (González, 2020).

Carneiro chama a atenção para a situação de que mesmo que a pessoa negra alcance o domínio dos paradigmas da razão ocidental, ainda estará vulnerável ao:

epistemicídio pela afirmação da incapacidade cognitiva inata dos negros, pela ausência de alternativa a esse campo epistemológico hegemônico, pela aculturação promovida pelos paradigmas da razão hegemônica e pela destituição de outras formas de conhecimento. (Carneiro, 2023, p.108)

E, portanto, há um processo paradoxal de pessoas negras que obtêm reconhecimento de excelência em qualquer área do conhecimento e representam uma resistência a todos os estigmas que distanciam a população negra da intelectualidade (Carneiro, 2023). Apesar de todas as contribuições do povo negro aos processos de avanços da nação, do passado e do presente, nunca recebem os benefícios obtidos pela branquitude brasileira (González, 2020).

Lélia Gonzalez, criativamente, propõe uma alternativa ao pensamento hegemônico sobre a formação do inconsciente brasileiro de apenas uma única fonte, a europeia branca. Na verdade, ela afirma que “[...] é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D” para ser a América Ladina. Como exemplo, ela compara o fenômeno do “pretuguês” e a influência africana na modificação do idioma do colonizador com os processos ocorridos em países caribenhos e do norte da América do Sul cujos idiomas predominantes, espanhol, inglês e o francês foram fortemente influenciados pela populações negras das Américas (González, 2020).

O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isso sem falar nos dialetos “crioulos” do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças etc. (González, 2020, p.116)

Não é possível deixar de mencionar como o processo de branqueamento ocorre ao caracterizar tais influências no idioma, ritmo e outros aspectos da cultura como “cultura popular”, “folclore nacional” e outras formas que visam minimizar a contribuição negra nas sociedades da América. Considerando toda a influência, González propôs, portanto, o conceito de amefricanidade para evidenciar a presença negra na construção cultural do continente americano (González, 2020).

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A América como um todo (Sul, Central, Norte e Insular) (González, 2020, p.122)

Sendo assim, a amefricanidade constitui-se como uma forma de contraposição à ideia passada pelo termo afro-americano ou africano-americano que dão a entender que populações negras só existem nos Estados Unidos, e não em todo o continente. A amefricanidade reflete todo o processo histórico de resistência, adaptação, reinterpretação e nos redireciona para um sentido de construção de toda uma identidade étnica (González, 2020).

2. TODO PEIXINHO É IGUAL?

No capítulo anterior trouxemos para a superfície um pouco dos processos coloniais. Em seguida, queremos aprofundar para falarmos das mulheres negras brasileiras, a base da sociedade. Para nos ajudar nessa trajetória, bebemos da construção acadêmica de Lélia González, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Carla Akotirene e bell hooks³.

O feminismo é um movimento social que defende a igualdade de gênero e combate os efeitos que a sociedade patriarcal ocidental produz sobre as mulheres de diversas formas e intensidades. No entanto, bell hooks destaca que o “feminismo” é um termo que não possui um significado definitivo porque qualquer mulher independentemente do campo político que queira igualdade social relativamente aos homens pode se classificar como “feminista”. E por essa razão é que vemos diferentes classificações como “feminismo liberal” e “feminismo marxista” para delimitar outras questões políticas inerentes (hooks, 2019).

A maioria das definições refletem um caráter classista e/ou racista do movimento. Afinal, a qual homem essas mulheres querem se equiparar em direitos? Trata-se, frequentemente, de uma busca pelos mesmos direitos dos homens brancos que ocupam o topo da pirâmide social e que só existe dessa forma graças à hierarquia de poder das sociedades ocidentais patriarcais. Para hooks, o feminismo precisa ser um compromisso político visando resistir à ideia de identidade ou estilo de vida individual, e a mudança precisa ser coletiva (hooks, 2019).

³ bell hooks, assim mesmo, em minúsculo, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks quer que prestemos atenção em suas obras e palavras e não em sua pessoa.

Esse movimento forçou a sociedade a avançar em diversos aspectos ao demonstrar as bases materiais e simbólicas do capitalismo patriarcal, abrindo o debate para diversas questões como sexualidade, violência, direitos reprodutivos e outros. No entanto, não foi capaz de contemplar a realidade de mulheres negras e endereçar os seus desafios. Por mais que o sexismo e o racismo partam a partir das diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação, há um esquecimento proposital cujas raízes vêm de uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista (González, 2020)

Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas (González, 2020, p.129)

Sueli Carneiro (2023) afirma que o gênero como produção teórica sempre esteve atrelado às vivências das demandas das feministas e que, portanto, não poderia ser compreendido sem considerar a militância política delas. Logo, as feministas se encontram em uma situação onde são sujeitas e objeto de pesquisa ao mesmo tempo. Enquanto isso, a produção teórica sobre as populações negras sempre as colocou como objetos de pesquisa, desconectada das pessoas negras e de suas reivindicações.

O termo "Escrevivência", de Conceição Evaristo, em sua concepção inicial, se manifesta como um ato de escrita das mulheres negras. Essa escrita, que não perde de vista a força da oralidade ancestral, surge como uma ação transformadora, voltada para desconstruir a imagem de um passado em que o corpo-voz das mulheres negras escravizadas estava submetido ao controle dos escravocratas - homens, mulheres e até crianças. Nesse sentido, Evaristo reafirma, na abertura do livro "Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo", que: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos". (Evaristo, 2020, p. 30)

As mulheres negras ocupam um papel na sociedade brasileira de grande complexidade e vulnerabilidade, pois se encontram na base da pirâmide social, sendo com frequência o grupo com piores indicadores sociais como pobreza, acesso à saúde, educação, renda e outros. Embora parte de suas demandas fossem endereçadas pelo movimento feminista no que tange ao gênero, e outra parte pelo

movimento negro no que tange à raça, nunca se eram pensados e combatidos os impactos gerados por essas duas formas de opressão combinadas em uma sociedade construída com base no patriarcado e no racismo.

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (Akotirene, 2019, p.14)

Para Carla Akotirene (2019), o feminismo negro se contrapõe à lógica Ocidental que utiliza apenas os olhos para caracterizar as outras formas de humanidade como Outros.

Quem já viu algum socorro prestado olhar as características fenotípicas da pessoa vitimada? Avaliar se é “mulher de verdade” - e neste caso, se tem vagina, ou qual sua língua, se nativa ou estrangeira? [...] A única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos Outros. A concepção de mundo que interessa ao feminismo negro se utiliza de todos os sentidos. (Akotirene, 2019, p.17)

Considerando a lógica do racismo estrutural, as violências contra as mulheres negras permitem que os demais grupos possam ter sucesso em seus objetivos. As infantilizam, subtraem suas necessidades e impõem a elas o dever de sempre terem que trabalhar, sobretudo em trabalhos informais. Quando esses trabalhos são formais, reproduzem a composição da sociedade, seus cargos são subalternos e com salários que mal permitem a sobrevivência (González, 2020).

González chama atenção para o fato de que as mulheres negras brasileiras são as que possibilitam a emancipação econômica e cultural das patroas dentro do sistema de dupla jornada. A produção feminista branca, porém, oculta o impacto da raça sobre as mulheres negras e quando essas questões são postas, considera-as como revanchismo ou cobrança. Além disso, a partir de uma atitude paternalista, frequentemente são categorizados como discursos emotivos e que fogem à razão:

Para nós, é importante ressaltar que emoção, subjetividade, e outras atribuições dadas ao nosso discurso não implicam uma renúncia à razão, mas, ao contrário, são um modo de torná-la mais concreta, mais humana e menos abstrata e/ou metafísica. Trata-se, no nosso caso, de uma outra razão. (González, 2000, p.29)

E que para as mulheres negras, há uma frequência a se atribuir dois papéis: o de “doméstica” ou de “mulata”. Que, na verdade, se desdobram em outras categorias que se assemelham em atividade e ocupação no imaginário social. A

primeira, as atividades como merendeiras, trabalhadoras de supermercado e de rede hospitalar, já a segunda, ao colocar a mulher negra no lugar de objeto a ser consumido por turistas e burguesia nacional (González, 2020).

A “mulata”, segundo Lélia, é uma ideia que transborda a antiga classificação de filha de mestiça de preto/a com branca/o e se transforma em “produto de exportação”. Exercida por jovens negras, as submetem à exposição de seus corpos com poucas roupas para que possam performar danças que são consumidas por um público de turistas e da burguesia nacional. Assim, são símbolos concretos da suposta “democracia racial” brasileira. Tal performance se encontra no processo de comercialização e distorção das escolas de samba (González, 2020).

É um processo que está conectado à tentativa de ascensão social de pessoas negras brasileiras, que se caracteriza por ocorrer em termos individuais. Algumas se casam com turistas europeus e outras se tornam manequins de renome. No entanto, não é o destino da maioria, que acaba em outros processos de violência. Lélia González pontua que a exploração sexual da mulher negra é algo que está para além do que os movimentos feministas universalizantes conseguem perceber, pois há ainda patroas que contratam domésticas a salários baixíssimos com objetivo de que seus filhos possam “iniciar” a vida sexual com elas (González, 2020).

Lélia González chama atenção para o processo de desenvolvimento de um setor burocrático de nível mais baixo, que acompanhou os processos de transformação econômica de um país agrário para urbanizado. Infelizmente, o nível de escolaridade e a exigência de uma “boa aparência” impediram que mulheres negras acessassem tais postos de trabalho. Assim, o desenvolvimento relegou às mulheres negras a condição de desemprego, trabalhos ocasionais ou por temporada etc. Logo, empurrando-as a condições de vida como habitação, saúde e educação de má qualidade e com baixas perspectivas de mudança ou ascensão (González, 2020).

A mulher negra costuma sofrer tripla discriminação no Brasil: raça, gênero e classe. As mulheres negras se voltam a trabalhos que frequentemente reforçam a internalização da diferença, subordinação e “inferioridade”. Acrescido a isso, ainda são submetidas a uma jornada de trabalho dupla, pois geralmente são as responsáveis pela manutenção do funcionamento de suas casas, como os afazeres com comida, roupa e outras tarefas que costumam respingar também nas filhas mulheres (González, 2020).

E quando não em um desses ambientes, a mulher negra costuma ser a principal usuária de serviços públicos como o SUS (González, 2020). Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2020, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 69,9% dos 17,3 milhões de usuários adultos que procuraram algum serviço da Atenção Primária à Saúde (APS) do SUS são mulheres. Destas, 60,9% são negras.

Para Carla Akotirene,

É contraproducente empregar interseccionalidade para localizar apenas discriminações e violências institucionais contra indígenas, imigrantes, mulheres, negros, religiosos do candomblé, gordos e grupos identitários diversificados. O padrão global moderno impôs estas alegorias humanas de Outros, diferenciadas na aparência, em que preconceitos de cor, geração e capacidade física, aperfeiçoam opressões antinegros e antimulheres - mercadorias humanas da matriz colonial moderna heteropatriarcal do sistema mundo. (Akotirene, 2019, p.23)

A autora afirma que o nosso grande desafio é encontrar respostas aos efeitos da matriz colonial que fujam da Europa Ocidental e Estados Unidos, pois acabamos recorrendo a respostas propostas por esses lugares, como o feminismo branco universalizante e o marxismo, que não conseguem abarcar as realidades dos considerados “Outros”. E, portanto, há necessidade de buscar respostas que sejam produzidas longe dessa lógica, pois usá-las somente levará a um novo sistema de opressões (Akotirene, 2019).

Conceição Evaristo reflete sobre a fala da professora Leda Martim que diz que para os africanos escravizados o nosso passado não terminou. E é na literatura que hoje, mulheres negras, trabalham este passado a fim de afirmar a identidade afro-brasileira. Que por sua vez se afirma como brasileira, mas também evoca nossas raízes ancestrais. Recordar é preciso e não navegar (Leituras Brasileiras, 2020).

Akotirene defende que “a interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (Akotirene, 2019, pg. 27) e, portanto, não há espaço para uma disputa de sofrimento. Logo, chama a atenção para a necessidade de que não haja apenas a luta contra o sexismo, contra o racismo ou quaisquer outras formas de opressão de forma isolada, pois compartilha-se identidade com outras pessoas que serão abarcadas por outras definições.

3. PESCA DE ARRASTO

Até agora, buscamos entender o sistema colonial, sua herança e seu impacto nas populações negras, especialmente nas mulheres negras. Neste capítulo, pesca de arrasto, uma técnica industrial de pesca com altos impactos ambientais, pois arrasta tudo que vê pela frente desestabilizando todo o ecossistema, vamos compreender como a rede social Instagram faz parte de um processo maior de renovação das estruturas do colonialismo e capitalismo. Nos ajudam a navegar por esse tema a produção de Deivison Faustino e Walter Lippold, Nelza Franco, Dulcilei Lima, Melissa Streck e Eduardo Pellanda. Ao final do capítulo, falamos sobre contribuições que encontramos durante nossa trajetória de estudo como das autoras Maria Abreu, Mona Lisa da Silva e outros.

O Instagram é uma das redes sociais mais populares. Pertence à Meta Platforms Inc. que tem o WhatsApp e o Facebook no seu catálogo. É uma das empresas mais valiosas do mundo, portanto caracterizada como uma *big tech*, categoria para grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado global e, conseqüentemente, detêm grande poder econômico e cultural. O proprietário é Mark Zuckerberg, um homem branco estadunidense de Nova Iorque. Oficialmente lançada em 2010, a plataforma sempre adaptou o seu modelo de negócio para manter-se relevante em um mercado competitivo, utilizando-se sempre de conhecimentos produzidos através de pesquisas da psicologia que buscam formas de captar a atenção do ser humano. Ainda hoje, há investigações em andamento sobre os impactos na saúde mental, na política e na economia.

Ao contrário de redes sociais tradicionais, o Instagram não nasceu a partir de um ambiente *desktop*, mas já como uma rede social para ser utilizada em ambientes móveis. Em 2010, a plataforma continha apenas o *Feed* no perfil do usuário, aparecendo na tela principal, formado por imagens e vídeos publicados de forma permanente, desde que não fossem apagados ou outras configurações fossem

definidas. Naquele momento, a ideia era que as fotos pudessem ser publicadas quase instantaneamente após serem capturadas pelo celular (Pellanda e Streck, 2017).

Hoje, já temos funções como *Stories* e *Lives*, na qual o primeiro permite publicações em texto, fotos e vídeos na vertical com elementos de engajamento como enquetes, perguntas, músicas, contagem regressiva e outros, e o segundo constitui-se transmissões ao vivo com chat e possibilidade de interação em tempo real (Machado et al., 2021).

Um importante aspecto é sobre a construção de memória feita pelos usuários no Instagram, sendo as publicações uma construção narrativa que precisa caber nos limites pré-estabelecidos de interação da plataforma.

O que se tem aqui é a lembrança que pode ser transformada com os recursos da interface do Instagram. Uma foto de um animal de estimação ou de uma flor, vista em determinado contexto, passará por filtros e edições e se transformará, talvez, em outra coisa que não aquela visualizada ao vivo, no momento da imagem. Desta forma, o usuário terá uma memória do que vivenciou, e através do Instagram, uma memória - de certa forma - construída daquela situação. Poderá fazer um recorte de somente um detalhe, sem mostrar todo o contexto. Poderá dar mais ou menos luz e cor a uma situação que não era tão colorida, parecendo ser. (Pellanda e Streck, 2017, pg. 8)

No campo da programação, o Instagram seria classificado como uma rede social móvel sensível ao contexto diferenciada das tradicionais redes sociais, cujo principal meio de uso era por meio de navegadores em computadores de mesa (*desktop*). Agora, nos aparelhos móveis como celulares, é possível interagir a qualquer hora e lugar. A sensibilidade ao contexto é a capacidade do sistema de analisar os dados como localização, afiliação, relacionamentos e outras atividades para oferecer sugestões adaptadas ao usuário (Machado et al., 2021). Importante, então, vislumbrar o potencial do uso da inteligência artificial na construção de sistemas sensíveis ao contexto visando os melhores resultados na construção de experiências únicas conforme o perfil do usuário.

Tais sistemas são denominados sistemas sensíveis ao contexto (CSS, do inglês *Context-Sensitive System*), e são definidos por Vieira como sistemas complexos que utilizam contexto para dar suporte ao usuário (agente) na execução de determinada tarefa. O uso do contexto é então percebido pelo usuário na adaptação de interfaces e serviços, em fluxos mais flexíveis e interativos, e na facilidade de usar o sistema para desenvolver a sua tarefa. Para Dey (2001), os CSS gerenciam o contexto para “prover informação relevante e/ou serviços para o usuário, sendo que a relevância depende da tarefa do usuário”. (Machado et al., 2021, pg. 5)

Com o Instagram definido, como a rede social se insere nas dinâmicas de poder globalmente? Com apoio de alguns autores, vamos observar como a produção de novas dinâmicas de interação mediada por plataformas tecnológicas de *software* e *hardware* são perpassados por antigos conceitos.

A ciência e as tecnologias não são isentas de valores, introduzem vieses que favorecem alguns caminhos na sociedade, e não outros. O desenvolvimento da indústria 4.0 redefiniu a luta de classes no mundo ao ampliar as desigualdades e a violência próprias à divisão internacional, regional e racial do trabalho. E as corridas tecnológicas como criptomoedas e a supremacia quântica computacional esgotam recursos naturais e energéticos, mas também à elevação da subsunção real e formal da vida aos tempos da produção capitalista (Faustino e Lippold, 2023).

Há duas grandes tendências: a primeira está relacionada a uma atualização da partilha territorial, agora em âmbito digital, cujas “*big techs*”, grandes monopólios da indústria da informação concentradas em sua maioria no vale do Silício nos Estados Unidos, reduzem o Sul global a apenas território de mineração extrativista de dados informacionais. A segunda, colonialismo de dados, trata da inclusão da “vida humana, o ócio, a criatividade, a cognição e os processos produtivos às lógicas extrativistas, automatizadas e panópticas do colonialismo digital” (Faustino e Lippold, 2023, pg. 27), tendo a manipulação intencional da cognição humana a fim de maior acumulação de capital (Faustino e Lippold, 2023).

Não há capitalismo imaterial, pois todo *software* necessita de um *hardware* para existir. Tudo que está armazenado remotamente só é possível a uma grande infraestrutura estabelecida que necessita de altos investimentos e um grande consumo de energia. Por exemplo, as nuvens de armazenamento transmitem arquivos de máquinas privadas a grandes centros de dados, muitas vezes em outros países, e que são oferecidos por empresas privadas a custos econômicos e sociais nem sempre explícitos em contratos que apenas públicos específicos leem (Faustino e Lippold, 2023).

O “velho” capitalismo foi e continua sendo irremediavelmente permeado pelo racismo, pelo sexismo, pela transfobia, pelo antropocentrismo especista etc. Neste cenário, a velha racialização colonial, que marca a atual reprodução social, condiciona a emergência do chamado racismo algorítmico, fenômeno que, como veremos, influi tanto sobre a divisão social do trabalho e do acesso às tecnologias disponíveis quanto sobre os desenhos tecnológicos e sua capacidade de promoção de vida ou de morte. (Faustino e Lippold, 2023, pg. 28)

Logo, um sistema que visa transformar todas as pessoas em mercadoria, sem exceção, também possui critérios que aprofundam esses efeitos em grupos vulnerabilizados. O pesquisador Tarcízio Silva elenca alguns pilares para definir o racismo algorítmico como o *looping de feedback*, que destaca como a inteligência artificial reproduz vieses de discriminação racial, seguido pelo segundo conceito, humanidade diferencial, que estabelece no sistema tecnológico uma promoção do grupo hegemônico. O terceiro é um paradoxo de invisibilidade e hipervisibilidade, em que pode haver um esvaziamento de grupos vulnerabilizados, em sistemas de reconhecimento facial de entradas, como o contrário, ao termos maior presença de pessoas negras presas por reconhecimento facial no Brasil (Tarcízio Silva *apud* Faustino e Lippold, 2023).

O quarto pilar trata-se da colonialidade global do negócio da tecnologia, cujas empresas do setor ocupam as infraestruturas tecnológicas de alguns países menos conectados a fim de barganhar acesso à internet com limitações aos seus produtos. E o último pilar chama a atenção para as disciplinas do campo da tecnologia e informação, que ignoram o racismo nas suas pesquisas, formação de profissionais, pesquisadores e professores, sendo esse pilar categorizado como colonialidade do campo (Faustino e Lippold, 2023).

Segundo Nelza Franco (2023), o Instagram, assim como outras mídias sociais, tem sido utilizado por parte da população negra como forma de amplificar e repensar positivamente a negritude, tal como para escancarar as consequências cotidianas do racismo presente na sociedade brasileira. Tal fenômeno, ela nomeará como Ciberquilombismo. Por serem locais de organização, reafirmação e formas de chamar a atenção para as demandas do povo negro, evidenciando oportunidades de fugas para atitudes reflexivas e educativas.

O conceito foi sugerido em cima do pensamento de Abdias Nascimento, que propôs o Quilombismo como forma de resgate da conexão com as raízes históricas, culturais e outras características silenciadas durante o processo escravista no país. Uniu a ideia de Cibercultura, de Pierre Lévy, como local onde agimos e transpomos parte de nossa cultura para o espaço digital. Tudo isso devido ao funcionamento das mídias sociais que permitem que a comunicação possa se estabelecer para além do padrão tradicional de emissor e receptor, agora com todos os atores podendo gerar fluxos diversos e simultâneos (Franco, 2023).

A título de exemplo de Ciberquilombismo, Nelza Franco (2023) elenca o Portal Geledés, organização política de mulheres negras criado por Sueli Carneiro, devido à sua presença também nas mídias sociais.

No entanto, não se pode perder de vista que o Instagram pertence a uma empresa localizada no centro sócio-político-econômico ocidental atual. Para Han (2022), vivemos no regime da informação onde os dados são as principais matérias produtoras de controle.

A dominação do regime de informação é ocultada, na medida em que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais, da comodidade das máquinas de busca, das vozes embalantes das assistentes de voz ou da oficiosidade prestativa dos *smart apps*, os aplicativos inteligentes (Han, 2022, p.13)

E no centro desse sistema, os celulares têm papel importante ao permitir a coleta e distribuição dos dados produzidos frequentemente, nos submetendo a uma vigilância duradoura. Se pensarmos em todos os elementos de casas inteligentes, como robô-aspirador, geladeira e outros eletrodomésticos, observamos que a vigilância utiliza-se da conveniência que esses itens oferecem para alcançar a sociedade. Nesse sentido, “o capitalismo da informação se apropria das técnicas de poder neoliberais. Em oposição às técnicas do poder do regime disciplinar, não trabalham com coação e interdições, mas com estímulos positivos.” (Han, 2022, p.13)

Portanto, os mais variados âmbitos da vida como trabalho, entretenimento, sexualidade etc. são mediados por aplicativos e plataformas que coletam dados e biodados e os vendem a valores maiores que ouro e petróleo. As promessas de um capitalismo informacional ou imaterial via plataformas trouxeram às nossas casas o trabalho e o shopping, fazendo com que seja possível morar no trabalho e em uma grande coleção de mercadorias (Faustino e Lippold, 2023).

Há, no entanto, de se destacar a complexidade da contradição gerada por discursos subversivos nos ambientes plataformizados como Instagram

[...] de um lado, essas tecnologias apresentam-se como novas formas de dominação, cooptação e controle sobre a sociedade, mas, do outro lado, oferecem oportunidade para novas formas de agência política. A expansão do acesso à internet reconfigurou irreversivelmente o jogo político em todo o mundo, descentralizando a possibilidade de fala, colaboração e criatividade, ainda que as possibilidades de escuta permaneçam centralizadas por algoritmos racializados. (Faustino e Lippold, 2023, pg. 149)

Havendo necessidade de chamar a atenção para a captura de discursos via algoritmos para produção de bolhas identitárias a fim de impulsionar e reproduzir engajamento visando a ampliação de lucros por parte das empresas detentoras das principais plataformas de rede social (Faustino e Lippold, 2023).

Os influenciadores digitais são disseminadores dessa lógica de poder neoliberal cujos seguidores estão sujeitos a uma espécie de adoração que visa alcançar as curtidas, compartilhamentos e levá-los a consumir, como num processo que se retroalimenta (Han, 2022).

Claro, isso não se dá sem que discursos contrários ao que estão estabelecidos sejam perpetuados nesses meios a fim de alertar sobre a desumanização, o distanciamento e o cansaço gerado ao nos transformar em produtos.

Curioso é que a denúncia dessa tecnicização informacional da vida ganha força e consegue se difundir justamente através dos mecanismos disponibilizados por esse mesmo avanço tecnológico, comemorado, ao mesmo tempo, em seus possíveis benefícios à humanidade. O progresso científico e tecnológico, anunciado como o grande triunfo do século XXI, tem demonstrado um caráter fortemente ambíguo no que diz respeito aos desdobramentos políticos e sociais do seu uso. (Faustino e Lippold, 2023, pg. 40)

Propõem, então, Deivison Faustino e Walter Lippold, a partir de uma visão que se inspira em Frantz Fanon⁴, a possibilidade de vislumbrar superações sobre o complexo aparato sócio-técnico colonialista criado pelo Ocidente não a partir do retorno glorioso e mítico a um passado cujas tecnologias não ditavam o tempo e o ser, tampouco será a partir de um enclausuramento identitário dos povos vulnerabilizados. Mas, sim, compreensão de si como participante da história geral humana que coloca a ciência e a tecnologia a serviço da emancipação, sem perder de vista a necessidade de superar a ideia de uma tecnologia neutra.

A tarefa colocada não é a de demonizar ou endeusar as redes e plataformas, mas explicar seu caráter social e historicamente determinado. Isso implica dizer que o problema não é o aprendizado de máquina ou a chamada inteligência artificial, em si, mas os sentidos pelos quais são projetados e, sobretudo, os usos que lhes atribuímos. (Faustino e Lippold, 2023, pg. 182)

⁴ Foi um importante intelectual, médico psiquiatra e ativista. É autor de "Pele Negra, Máscaras Brancas" (1951) e de "Os Condenados da Terra" (1961) e contribuiu imensamente para os estudos decoloniais.

Dulcilei da Conceição Lima (2023) em artigo para o livro “Griots e Tecnologias Digitais” identificou que boa parte da sua amostra de feministas negras nas redes sociais tinham ensino superior, destacando os avanços que o Brasil obteve que permitiram que pessoas negras acessassem esse nível de escolaridade. Apesar das violências e conflitos gerados pela presença de pessoas negras em um espaço tradicionalmente branco, muitas afirmaram que foi nesse ambiente que elas tiveram o primeiro contato com o feminismo negro.

Por estarem no meio de um processo histórico que leva tempo, muitas dessas mulheres negras relataram que se sentiam sozinhas quando se viam como as únicas em alguns ambientes universitários, como a sala de aula. E, portanto, as redes sociais lhes permitiram criar conexões com outras mulheres negras que passaram por processos semelhantes, criando a sensação de pertencimento e uma diminuição da solidão (Lima, 2023).

E através de meios como as redes sociais e os blogs, encontraram um espaço de contestação do discurso antes altamente controlado por empresas que não tinham interesse em denúncias ao sistema posto no país, além de “agirem para transformar conceitos complexos em elementos passíveis de serem compreendidos pelo grande público” (Lima, 2023, pg. 42) de diversas formas, seja na distribuição dos materiais em pdf, através de digitalização, produção de resenhas e textos, indicação de leituras, vídeos explicando conceitos etc.

4. NO CAMINHO, CURVAS E DESVIOS

Neste capítulo, iremos apresentar as escolhas metodológicas e as etapas da pesquisa que objetivaram responder à questão-problema.

Esta monografia realiza uma análise qualitativa do perfil de Instagram “não me colonize”, idealizado por obirin odara, visando responder à questão-problema: Como os discursos anti colonialidade e antirracismo se articulam através de uma série de padrões pré-estabelecidos a partir de uma lógica de rede social que possui dono e uma geografia bem delimitada, o norte global branco?

Queremos compreender como a produtora de conteúdo se nutre de pensadoras e pensadores e como se dá a negociação dentro do ambiente virtual. Para isso, usamos a análise do discurso para identificar como o perfil utiliza textos, imagens e o que fala em seus vídeos para construir a sua mensagem, como as articulações conceituais se conversam e são reproduzidas através do Instagram. Para isso, não foram considerados para essa pesquisa o número de curtidas ou seguidores do perfil com objetivo de maior compreensão de como o conhecimento é processado e transformado em uma nova lógica de produção de conhecimento e emancipação de pessoas negras em relação aos processos colonizantes.

Visamos contemplar os seguintes objetivos específicos: identificar quais recursos linguísticos e visuais são utilizados para se comunicar; verificar se a interação entre perfil e seguidores produz debates aprofundados para além da proposta da publicação; explicar como o perfil lida com a lógica de algoritmo e comercial do Instagram.

O perfil foi escolhido porque fomos mobilizados por discursos decoloniais durante nossa trajetória acadêmica. A escolha do Instagram é porque o perfil se encontra apenas nessa rede social, mas não somente, por ser uma das redes

sociais que têm tido melhor sucesso em se manter estável no mercado e das mais populares ao longo dos anos. Tendo em vista, por exemplo, que suas concorrentes, que não são muitas, passam por alguns processos conturbados como a aquisição do Twitter pelo Elon Musk⁵ (agora “X”), as chances de proibição do TikTok nos Estados Unidos e a crise da década passada do Facebook no caso da Cambridge Analytica⁶ que é lembrada em discussões de regulação das redes sociais.

Realizamos uma leitura sistemática, buscando trabalhos de temática semelhante à nossa na Biblioteca Digital de Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM) e Google Acadêmico durante o período de 10 de novembro a 25 de novembro de 2024, a fim de nos inspirar, entender modelos de pesquisa e de abordagem e encontrar referências teóricas e conceituais. Utilizamos as palavras-chave: mulheres negras, negros, colonialidade, representação, ancestralidade, instagram, internet. Diante do grande número de trabalhos, tivemos de realizar um filtro daqueles que tinham maior potencial de contribuir com nossa trajetória de estudo, e construímos a seguinte tabela.

Tabela - Revisão de literatura

Nº	Título	Autor	Tipo	Ano
1	Comunicação preta : uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube	Maria Clara Gonçalves e Abreu	Monografia	2018
2	O processo de transformação da representação social das mulheres negras nas campanhas publicitárias da Avon Brasil por meio das redes sociais	Victoria Lima Ferrari	Monografia	2019
3	Interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes: possibilidades educativas na comunicação digital	Kelly Cristina Monteiro Martins	Monografia	2023
4	Mulheres negras e internet : do racismo ao ativismo	Thalita Souza Rocha	Monografia	2017
5	O pacto narcísico da casa-grande: a representação das mulheres negras a partir de Lélia Gonzalez e Gilberto Freyre	Marina de Oliveira Reis	Artigo	2019

⁵ Elon Musk é um bilionário sul-africano branco que figura como a pessoa mais rica do mundo. Sua aquisição do Twitter e as consequentes mudanças na plataforma têm gerado discussões sobre o equilíbrio entre a liberdade de expressão e a responsabilidade das plataformas digitais.

⁶ A Cambridge Analytica coletou ilegalmente dados de milhões de usuários do Facebook para a criação de campanhas publicitárias e políticas altamente personalizadas e direcionadas. O caso levantou o debate sobre os riscos da coleta e uso indevido de dados pessoais, assim como a manipulação da opinião pública e a interferência em processos eleitorais.

6	Emicida e ancestralidade musical : dos tambores de pele aos tambores digitais	Mathews Vinicius Justiniano Fonseca da Silva	Monografia	2017
7	Ayabas: o poder feminino	Laryssa Oliveira Sales	Monografia	2023
8	Diáspora africana e a filosofia no Brasil – o epistemicídio e o processo de redefinição identitária : Irôko e o resgate das raízes	Matheus Oliveira dos Santos Araújo	Monografia	2024
9	A autoidentificação do negro no Brasil : consequência de sua construção histórica e sociopolítica ou elemento de evocação de sua ancestralidade?	Emiliano Silva Oliveira	Artigo	2022
10	Políticas de Ancestralidade: negritude e africanidade na esfera pública	Ronaldo L. Sales Jr.	Artigo	2009
11	Como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação	Adilbênia Freire Machado	Artigo	2014
12	Colonialidade do ser e corporalidade: o racismo brasileiro por uma lente descolonial	Juliana Moreira Strega	Artigo	2016
13	Universidade no Brasil : Colonialismo, Colonialidade e Descolonização numa Perspectiva Negra	Nádia Maria Cardoso da Silva	Artigo	2018
14	Pensar o invisível : as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico	Aline Matos da Rocha	Monografia	2014
15	Racismo e antirracismo online: uma análise de publicações antirracistas na rede social Instagram	Eduardo Baroni Borghi	Tese	2023
16	Tinha que ser preto! Possibilidade para uma educação antirracista por meio do ciberativismo na rede social Instagram	Beatriz Gomes Cornério	Artigo	2022
17	O Ciberativismo Negro como Instrumento Potencializador da Educação Antirracista	e Alessandra Ferreira Mota	Artigo	2021
18	Ciberativismo de Feministas Negras na rede social Instagram	Nadine Bovet, Renato Brito e Karina Lira	Artigo	2021
19	Das ruas ao ciberespaço: ativismo e ciberativismo de mulheres negras na era virtual	Mona Lisa da Silva	Dissertação	2019

Fonte: Tabela produzida pelos autores,2024.

Em nossa revisão de literatura, não localizamos trabalhos que articulassem os conceitos de raça, gênero, classe e colonialidade aliados a uma análise de discurso de uma página do Instagram dedicada aos temas. Encontramos alguns trabalhos

que embora, brilhantemente, fizeram análise sobre mulheres negras em redes sociais ou outras plataformas, infelizmente, nem sempre as plataformas de comunicação eram consideradas como limitadoras ou potencializadoras dos discursos.

No entanto, foram importantes para a nossa construção de pesquisa e contribuíram de forma substancial ao nosso trabalho, pois trabalham conceitos que perpassam em nossa pesquisa e alcançam resultados que se assemelham ao que encontramos. Por exemplo, Abreu (2018) realiza uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube, plataforma que pertence à Alphabet Inc. e que também é detentora do Google, comenta sobre como a mídia tradicional reproduzia discursos e práticas colonizantes ao não dar espaço para públicos vulnerabilizados. Ao passo de que o surgimento de outros espaços de discussão impulsionados pelas tecnologias digitais permitiram que vozes dissidentes pudessem ter oportunidade de comunicar. No entanto, reitera que mesmo assim é uma disputa de narrativa desproporcional pois os vídeos não têm a mesma audiência e alcance que a mídia tradicional. Ao passo que Martins (2023) demonstra que o ciberespaço tem sido utilizado como espaços possíveis de educação e de questionamento, e que resiste a uma educação que tende a apagar o protagonismo de populações negras e indígenas.

Assim, Sales (2020) em seu trabalho de conclusão de curso também percebe as novas mídias como possibilidade de espaço de discursos, e no seu caso para trabalhar de forma importante sobre como o Candomblé pode ser um espaço de acolhida, valorização e emancipação de mulheres. Não somente, mas como o Candomblé é resistência e proposta alternativa ao projeto do colonizador.

Temos trabalhos como o de Ferrari (2019) que analisa como as campanhas publicitárias da Avon Brasil nas redes sociais avançaram com representação de mulheres negras nas redes sociais, embora presente que outros padrões ainda persistem, como os ligados ao tamanho e formato do corpo.

Foram coletadas 50 publicações do início da atividade do perfil compreendendo o período de 15/10/2019 a 05/03/2020 e 50 publicações mais recentes do perfil, de 05/04/2023 a 06/01/2025, visando termos uma amostra de períodos diferentes e ter a capacidade de observar se há alguma mudança entre os dois períodos, que são relativamente distantes entre um e outro quando se considera a dinâmica de atividade das redes sociais. Fizemos uma análise do

conteúdo a partir da construção de uma planilha com informações básicas como data de publicação, tipo de conteúdo (imagem ou vídeo), e blocos com observações sobre o conteúdo, a legenda e os comentários. Por fim, os categorizamos em formações discursivas para realizar a análise.

Considerando que a produtora de conteúdo do perfil, obirin odara, tem uma conta pessoal e se relaciona diretamente com o perfil “não me colonize” através de publicações em ambos perfis, e que ela também faz parte de um processo de construção de uma figura pública acadêmica, optamos nos debruçar apenas sobre o perfil “não me colonize” visando o aprofundamento e a viabilidade da pesquisa.

Para Eni Orlandi (2000), a análise do discurso é a busca da compreensão dos sentidos produzidos a partir da linguagem. Portanto, também uma forma de produção de sentidos enquanto processo frequente dos sujeitos em suas vidas individuais quanto pertencentes a uma forma de sociedade. Logo, os acontecimentos do mundo que perpassam esse sujeito, impactam a sua produção discursiva. Eni Orlandi (2000) conecta a relação discurso, tempo e ideologia da seguinte forma:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (Orlandi, 2000, p.17)

Assim, é possível identificar no discurso as ideologias que são reproduzidas e disseminadas a partir da materialidade produzida pela língua. Para Foucault (2001), toda sociedade tem sua produção discursiva controlada, selecionada, organizada e disseminada. Logo, é através do discurso que se encontram os embates entre os discursos que refletem os sistemas de dominação e os que resistem.

A fim de ilustração, Grada Kilomba (2008) chama a atenção para que embora as populações marginalizadas sejam capazes de articular a fala, é necessário observar que tais discursos são abafados por uma série de sistemas de opressão e, conseqüentemente, não serão escutadas e reverberadas. Assim, a autora demonstra quando a produção científica relacionada ao racismo é categorizada como experiência personificada e pouco científica.

Importante mencionar que Eni Orlandi (2000) afirma que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia pois é afetado pela língua e pela história.

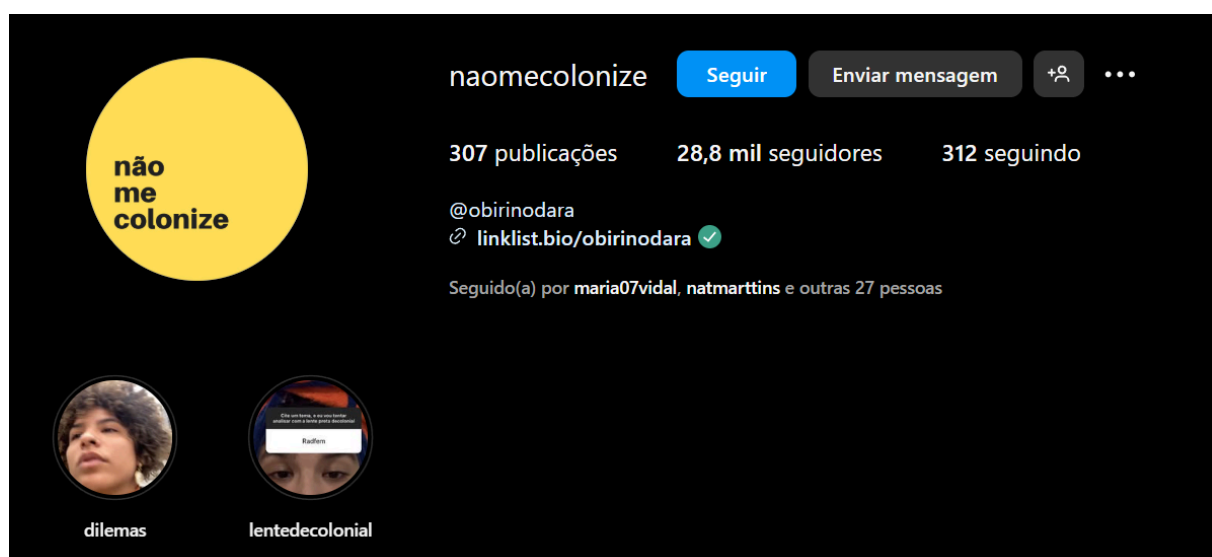
Com objetivo de exemplificar, ela explica que “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós.” (Orlandi, 2000, p.20).

A análise do discurso visa ir além da tradicional transmissão de informação estabelecida por emissor, receptor, código, referente e mensagem, propondo que olhemos para o processo de constituição dos sujeitos e produção de sentidos.

5. VAMOS MOLHAR A PALAVRA?

Para analisarmos o perfil “não me colonize”, gostaríamos de apresentar uma visão geral para que as análises seguintes, mais específicas, sejam melhor compreendidas.

Imagem 01 - Perfil @naomecolonize



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

A imagem de perfil é um fundo amarelo com a frase “não me colonize” com fonte preta e letras minúsculas, o que, à primeira vista, pode evidenciar uma inspiração no pensamento de bell hooks que visa ir na contramão do padrão ocidental estabelecido ao fugir da regra de a primeira letra maiúscula para nomes próprios.

O perfil tem mais de 307 publicações desde a sua criação em 2019, tendo alcançado aproximadamente 28,8 mil seguidores. Na seção de resumo do perfil, logo abaixo das informações de publicações, seguidores e seguindo, vemos que ela direciona ao perfil “@obirinodara”. Esse, antes um perfil caracterizado como privado,

começa a aparecer diretamente ligado ao “não me colonize” com publicações feitas nos dois perfis. Será, portanto, algo que discutiremos em nossa análise à luz das possibilidades e limites do Instagram.

5.1 Tipos de publicações

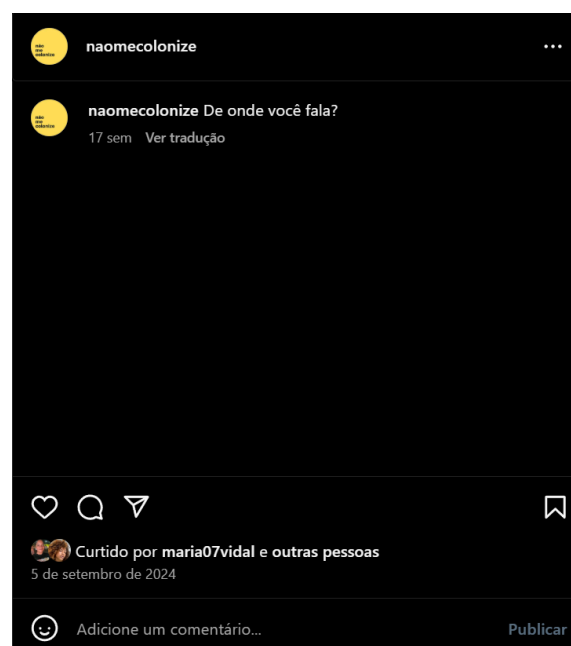
Observamos que o perfil tem alguns padrões de publicações. Consideramos importante destacar porque eles produzem discursos diferentes devido a sua forma de comunicar. Por exemplo, algumas soam espontâneas, outras muito bem planejadas. Os categorizamos em três tipos, sendo eles:

O primeiro tipo de publicação costuma se caracterizar por um fundo de cor sólida como branco, preto, amarelo, azul, vermelho e marrom.

Imagem 02 - Publicação

**Por mais abstrativo que
possamos ser, sempre falamos a
partir do nosso lugar no mundo.
E isso já é coisa pra caramba!**

@obirinodara
@naomecolonize



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Nesse tipo de publicação, é como se fosse um quadro onde a autora registra as suas reflexões sobre raça, gênero e colonialismo. Há também uma assinatura ao final do texto dos perfis “@obirinodara” e “@naomecolonize”, no entanto, isso não se dá de forma padronizada com algumas publicações não contendo assinatura, e outras somente um dos dois perfis. Outras publicações trazem o pensamento de suas referências como Frantz Fanon e bell hooks. Em alguns momentos, a forma de referenciar se assemelha ao padrão acadêmico, o que faz sentido considerando que

o conteúdo tem forte presença em pensadoras e pensadores que contribuíram academicamente e são hoje referência para a construção do pensamento de novos acadêmicos e pensadores como a responsável pelo perfil que é doutoranda em Filosofia. Algumas publicações se destacam pela ausência de legenda, e outras com legendas que reforçam o conteúdo com perguntas de engajamento como “Tô mentindo?”.

Imagem 03 - Publicação

***quando estamos comprometidos
em fazer o trabalho do amor, nós
escutamos até quando dói.***

(bell hooks, tudo sobre o amor, p. 190)



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Importante observar que nessas publicações, o texto é construído através da plataforma do Instagram. Ou seja, a fonte e a assinatura estão dentro das possibilidades fornecidas pela rede social e, aparentemente, sem a presença do uso de plataformas de edição gráfica externas como Photoshop e Canva. A ver pelo alinhamento do texto, com uma tendência ao centralizado. Evidenciando, portanto, uma produção de conteúdo um pouco mais caseira, amadora, dentro dos limites da plataforma. O que pode ser entendido, para nós, de que a preocupação principal é a mensagem.

Apesar disso, embora seja possível observar um padrão, outras publicações fogem à regra.

Imagem 04 - Publicação



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Nesse caso, temos uma fonte não comum para outras publicações do perfil e o alinhamento não se prende às quatro formas padrões de alinhamento que encontramos nas opções de configuração da rede social. Além de mais livre, também está se comunicando com a mensagem e seu ritmo. Também observamos que há um logotipo “obirin odara” em uma fonte diferenciada e com linhas onduladas que se aproximam com o movimento das águas. Essa assinatura apareceu em algumas publicações mais recentes, mas logo caiu em desuso.

O segundo tipo de publicação são convites para encontros presenciais, cursos e palestras. Todos eles costumam ter uma variação entre o modelo presencial e virtual. Ao contrário do tipo anterior, esse tipo de publicação costuma ter um trabalho de edição gráfica mais elaborado com uma maior quantidade de informações, como local, dia, horário e os tópicos a serem trabalhados, bem parecido com outros materiais de comunicação do mesmo tipo. Alguns, seguem o padrão de identidade visual proposto pelo evento, que conta com a participação de obirin odara. Nessas publicações, os comentários se resumem aos processos de participação, e, portanto, é comum vermos perguntas sobre a validade do *link*, sobre onde o evento deve acontecer e semelhantes.

Imagem 05 - Publicação



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Por fim, o terceiro tipo de publicação são vídeos e transmissões ao vivo gravadas e feitas no Instagram. Os vídeos costumam ter um trabalho de edição, podemos notar através da adição de legendas (boa prática em redes sociais para inclusão), de música e de uma gravação feita com um anel de luz, instrumento de luz muito utilizado para auxiliar na iluminação durante a gravação por celulares. Em um deles, houve apoio de amigas da produtora de conteúdo que auxiliaram na construção de uma narrativa sobre o cabelo de obirin, nesse vídeo temos gravações em diversos ambientes da casa, com diferentes poses e ações enquanto se ouve a narração gravada por um microfone. Em contrapartida, as transmissões ao vivo costumam ter, aproximadamente, trinta minutos. Nestes, podemos encontrar discussões sobre livros como da Audre Lorde⁷ e Grada Kilomba, reflexões e convites para cursos sobre descolonização. Um deles nos chamou especial atenção devido a dois apontamentos: i) obirin pergunta se as pessoas acharam que o perfil tinha acabado, o que evidencia uma ausência de calendário de publicações e ii) obirin se depara com dificuldades com a transmissão e afirma que nem parece que

⁷ Escritora estadunidense, filósofa, poeta e ativista feminista interseccional e dos direitos civis, em especial das mulheres lésbicas e negras.

viveu a recém pandemia de Covid-19. Importante observar também que as gravações se dão com o celular na posição vertical, o contrário da tradicional gravação horizontal que era padrão estabelecido na mídia de massa e que perdurou bons anos na internet, demonstrando assim, a imposição dos limites e padrões da rede social.

Imagem 06 - Publicação



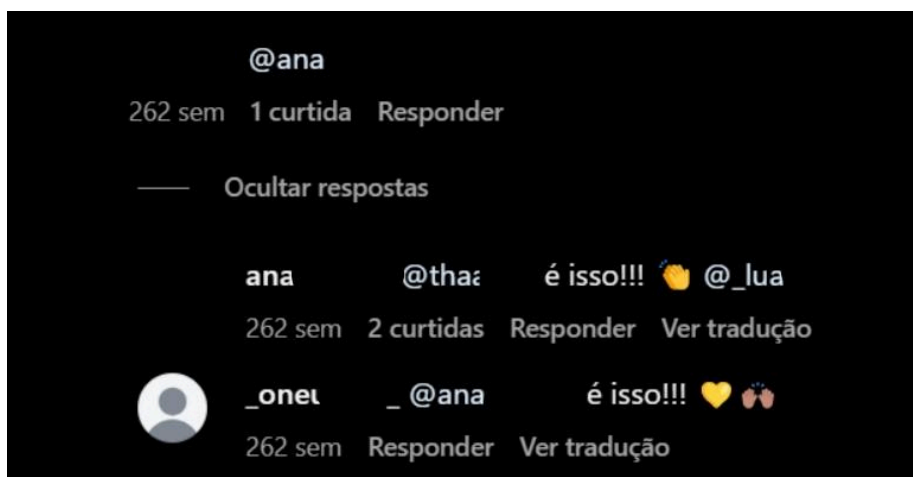
Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

É, portanto, importante considerarmos esses tipos de publicações antes de analisarmos os principais tópicos discursivos presentes no Instagram porque eles são basilares para pensarmos como a mensagem é transmitida, como o público recebe e como se dão as dinâmicas de interação.

Quando olhamos para os comentários, observamos que eles costumam, em sua maioria, serem curtos, resumidos a poucas palavras e *emojis* de coração, palmas e estrelas. E, por isso, frequentemente não aprofundam a ideia proposta pelo perfil. Da mesma maneira, a própria obirin odara interage pouco nos comentários deixados nas publicações. Para nós, dá sensação de que a rede social permite pouco aprofundamento de debates pois se concentra numa lógica de

conteúdos rápidos e de fácil visualização. Embora os comentários não tenham limite de caracteres, é comum vermos em sua maioria limitados até 300 caracteres devido a uma questão de usabilidade. Afinal, se é a primeira rede social nativa para celulares, a experiência do usuário se dá nos limites da tela e, naturalmente, comprime os textos.

Imagem 07 - Publicação



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Além disso, é frequente vermos comentários em tons de aprovação e de legitimação do discurso, havendo pouquíssimos conflitos. Podemos pensar no perfil como um Ciberquilombo, onde as demandas da população negra são apontadas para pensar um futuro ancorado em uma tradição africana viva e latente no Brasil. No entanto, é preciso estarmos atentos ao processo de efeito bolha das redes sociais.

As bolhas são produzidas pelos algoritmos onde grupos de indivíduos retroalimentam suas ideias em espaços virtuais. Assim, a rede social garante maior engajamento e maior tempo de indivíduos dedicados à rede social. Logo, há possibilidade de que o conteúdo do “não me colonize” esteja falando apenas para pessoas que pensam de forma semelhante e não esteja alcançando outros públicos, o que se torna um revés quando pensamos na possibilidade de descolonizar nosso país.

A exceção ao possível processo de bolha, temos no perfil algumas publicações que alcançam públicos que não são os rotineiros. No entanto, são publicações consideradas polêmicas e que ao invés de ativar um debate

aprofundado e uma troca interessante de ideias, geram vários comentários que se utilizam de ironia e outros artifícios para combater a ideia.

São, portanto, publicações que mobilizam as pessoas a partir do emocional e não de uma reflexão em comunidade. Por isso, atende-se somente ao modelo de negócios da rede social.

Observamos que, apesar dos limites da rede social, obirin odara não se limita ao ambiente do Instagram. Ela promove encontros presenciais e virtuais que possuem espaço para a conversa, reflexão e novas estratégias de lidar com o mundo. E embora esteja localizada no Rio de Janeiro, vê no virtual a possibilidade de se comunicar com pessoas de outros estados brasileiros que demandam uma interação para pensar a descolonização.

Por fim, embora em alguns momentos pareça haver a tentativa de uma maior padronização do conteúdo, como estabelecer uma forma de escrever, quais cores usar, quais as fontes e outros. Em outros momentos, soa como diário de reflexões da trajetória de aquisição de conhecimento de obirin odara.

Notamos que nas primeiras publicações, o perfil “não me colonize” tinha limites muito bem estabelecidos e não se misturava com o perfil de obirin odara, que na época era considerado o perfil pessoal dela. Observamos que em publicações mais recentes, os dois perfis começam a se misturar em conteúdo e agora temos publicações feitas nos dois perfis.

O que nos faz refletir sobre um possível indício de que nós, embora atentos aos processos de colonização digital, também somos afetados pela invasão do trabalho e do consumo no âmbito privado de nossas vidas. Afinal, embora conscientes, sabemos que não é simples estar fora desse sistema pois há uma série de “benefícios” concedidos a quem possui presença online - é o velho ditado “quem não é visto, não é lembrado” se renovando para uma vida mediada por plataformas.

Inclusive, nós que escrevemos esse trabalho reconhecemos que só chegamos ao conteúdo devido a presença online da produtora de conteúdo. E que, provavelmente, numa realidade de há 15 anos atrás, não teríamos a mesma facilidade de alcançar o seu pensamento.

Nos parece que obirin está atenta aos processos colonizantes da rede social, no sentido de que ela demonstra em diversos momentos ter compreensão da lógica do algoritmo e da rede social e mesmo assim não publica conforme os padrões

industriais de perfis públicos, como ter um calendário regular de publicações, uma identidade visual bem definida e uso de outras estratégias de crescimento.

Talvez isso se dê pelo fato dela estudar o tempo no seu doutorado, o que a faz compreender que os seus processos precisam ser outros, e não através da lógica colonial de produção. Embora tenhamos notado uma ausência do conceito de colonização digital no seu conteúdo, vimos que ela está atenta ao ter articulado em alguns momentos as potencialidades da tecnologia utilizada pela população negra a partir de uma perspectiva fanoniana.

Se a imposição do português aos povos escravizados fez parte do processo de dominação, dentro da tecnologia de assujeitamento que é o racismo, o português proposto por Lélia González foi a nossa principal forma de hackear e subverter parte da lógica da dominação onde herdamos palavras, conceitos e formas de ver o mundo de nossos ancestrais. E foi através dele que nos organizamos em quilombos, oralmente passamos o conhecimento adiante e, por isso, resistimos.

6. PEIXE DE ÁGUA DOCE NO MAR

Como primeira formação discursiva, temos um processo de trazer para a superfície a colonização como moldador de nossas vidas, individuais e coletivas. Para isso, colocamos como frase guiadora “Peixe de água doce no mar”, trecho que aparece no perfil para exemplificar um ambiente pouco favorável para a sua sobrevivência. Será, com certa frequência, presente o uso de analogias para facilitar a transmissão da mensagem. Tal método é frequente nas religiões de matriz africana, o que provavelmente está atrelado à herança de transmissão de conhecimento oral.

Podendo ser uma das razões pelo respeito às pessoas mais velhas pois são elas que detêm o conhecimento adquirido ao longo de uma vida. Pudemos encontrar parte desse sentido no discurso do perfil “não me colonize”.

A primeira publicação da página é a produção da conexão do racismo com a colonização, e de que são inseparáveis porque se retroalimentam.

A presença da religião é um elemento muito presente na construção do sentido de descolonização. As religiões de matriz africana conseguiram resistir a todo processo violento da escravização, com todos os seus aparatos de supressão, mantendo vivos culturas, idiomas, valores e formas de ver o mundo. E obirin pontua que o sincretismo é uma tecnologia de sobrevivência, o que demonstra uma visão ampliada sobre o que é tecnologia para além de um ambiente digital ou aparelhos mirabolantes.

Logo, amparada na religião de matriz africana, repercute um conhecimento de que “a boca de esù come de tudo, mas ele devolve algo maior do que o que ele comeu. Como reaprender a comer o que está à mesa de forma estratégica?” para afirmar que não devemos negar o que o mundo nos oferece, inclusive as coisas ruins. Atentando que o mundo citado, é esse resultado da colonização branca a nível global. Mas que é preciso devolver com aquilo que você tem de diferente a oferecer. Propondo que façamos algo diferente com o que nos é oferecido. Importante notar que ela utiliza a palavra em iorubá “Esú”, o que nos mostra um pouco sobre a sua orientação no mundo considerando que o povo iorubá é um dos grupos que fazem parte da formação do povo negro brasileiro. Essa recuperação de grafia do nome do orixá demonstra um movimento contra a tentativa de supressão epistêmica e

imposição cultural, primeiramente feitas pela Igreja Católica, apontadas por Sueli Carneiro.

Em uma das divulgações do seu curso “Descolonizando o conhecimento”, obirin afirma que não é apenas para quem está na academia, e que é importante para compreender como o mundo opera e buscar estratégias diferentes de lidar com ele. Ela afirma que é um “curso para fortalecer a rebeldia estratégica ancestral”, reforçando que os povos escravizados se rebelam estrategicamente há muitos séculos.

E que está relacionado quando ela utiliza da filosofia africana para trazer a ideia de “ubuntu” como forma de ser em comunidade, contrariando o discurso meritocrático individualizante que vivemos. Nesse momento, o discurso é construído a partir de uma série de elementos gráficos. Uma série de publicações sem legendas, de cor sólida marrom, com algumas diferentes que trazem o discurso. Antes, era comum no Instagram que o perfil tivesse maior importância e por isso a estética na construção de um perfil que comunicasse com diversas imagens. A árvore, além de reforçar a noção de ancestralidade, de retorno às raízes em busca do que foi cortado, ainda é um reforço à ideia de comunidade. Não somente, a comparação com a árvore também é importante pois estabelece a natureza como referencial, importante simbolicamente para um contexto de crise climática onde populações indígenas e quilombolas são ameaçadas mesmo quando são importantes para a manutenção dos ecossistemas brasileiros.

Imagem 08 - Publicação



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Em outra publicação, obirin afirma que esse mundo colonial que vivemos hoje é uma ficção criada pelo branco e que não é a única forma de ver o mundo. Portanto, é possível desconstruí-lo. E que, pelo fato do mundo ser branco e todos os espaços serem seus, o negro só tem alguns lugares e em outros é preciso reproduzir comportamentos, afirma que, apesar da violência, isso torna a visão de mundo de pessoas negras mais complexa devido ao ir e vir. Por exemplo, quando Sueli Carneiro menciona que mesmo que pessoas negras alcancem excelência em qualquer área, ainda sim não serão reconhecidas, pior se for contra a lógica do mundo branco.

E já que esse mundo foi cooptado por eles, o perfil questiona em publicações do início de suas atividades por que alguns processos de revolta de povos negros

são submergidos enquanto outros ganham não apenas os holofotes da mídia tradicional, mas também dos algoritmos de busca online. Portanto, esse é um fenômeno da colonização digital descrito por Deivison Faustino e Walter Lippold, cujas tradicionais estruturas do capitalismo não estão obsoletas, mas têm se atualizado para novas formas de assujeitamento. Inclusive, para nos negar a posição de sujeitos protagonistas na história da humanidade.

No perfil, isso é demonstrado a partir de questionamentos sobre grandes manifestações que ocorreram no Haiti em 2019, a primeira nação independente da América Latina através de uma revolta da população preta escravizada e que até hoje sofre as consequências porque mesmo vitoriosos, ainda saíram com condições desvantajosas impostas pelo sistema geopolítico global. E, hoje, são resumidos a desestabilização institucional, fome, pobreza e violência como algo “natural” dessa sociedade.

Mesmo que naquele momento, ao demonstrar a diferença dos sistemas de buscas online não houvesse menção ao colonialismo digital em si, são estruturas que se repetem. Por isso, não nos surpreende quando em publicações mais recentes a produtora de conteúdo começa a olhar para a tecnologia, pois ao dizer que é um mundo criado pelos brancos, compreende que não há espaço para que a tecnologia seja caracterizada como neutra.

Queremos destacar uma publicação que repercutiu bastante por dizer “menos marx, mais esú”. Nela, o argumento é que as propostas e críticas do marxismo estão amparadas em uma realidade da classe trabalhadora branca europeia. Logo, por mais que sugerem alternativas ao que está posto, não impede que os processos de colonização se repitam em novos moldes. Propõe, então, que as alternativas sejam baseadas nos conhecimentos tradicionais, sendo o orixá a principal representação utilizada para essa afirmação.

Porém, esse momento do perfil gerou diversas outras publicações e dividiu o público de forma generalizada. Passando a comentários irônicos, acusativos de que ela não tenha lido Karl Marx, alguns elogiosos, e outros que utilizam exemplos de autores e autoras negras que utilizaram da teoria marxista para denunciar o sistema capitalista sobre os povos negros dando a entender que ela desconsidera seus esforços.

Para nós, vemos que a lógica da rede social borra a nossa capacidade de humanização do outro, pois nem sempre vemos o rosto. E que tudo o que vai contra

ao que se pensa, tende a soar como um ataque, que precisa ser revidado. Por mais que não tenha sido uma invalidação do marxismo, e uma proposta de pensarmos alternativas para além da binaridade capitalismo e comunismo, o fenômeno de “polêmica” esvaziou a possibilidade de um debate sério, complexo e profundo em uma rede social que tende a tornar conteúdos rasos. O que gerou, em nossa análise, a percepção de que embora não houvesse respostas diretas aos comentários, o retorno veio em mais publicações sobre o assunto.

Obirin afirma que nenhuma pessoa negra é capaz de nutrir todo o nosso desejo de futuro e que precisamos ampliar nossas referências. A fala se dá em uma transmissão no dia 10 de setembro de 2024, num contexto em que o ministro de Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, foi acusado de assédio contra integrantes do governo e de outros momentos de sua carreira, incluindo a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco. Tal acontecimento gerou grande frustração e, portanto, a proposta de obirin é que não é possível termos apenas uma referência.

6.1 Vivo o ser mulher a partir da raça

Obirin odara defende que tudo o que conhecemos é preciso ser repensado à luz do conhecimento africano. E, portanto, ela argumenta que a sua experiência de gênero é modificada através da raça.

Ela diz: “a raça vem antes do gênero”. Para uma primeira leitura, é uma afirmação controversa para pessoas que costumam discutir as pautas de identidade. Principalmente se é dito em uma rede social. Ela parece ter consciência disso, informa que o objetivo não é criar uma hierarquia de opressões e espera que isso não se torne um *slogan* para silenciar mulheres negras. Em seguida, começa a explicar que a sua humanidade é definida a partir da raça, e que por isso vai vivenciar a experiência de mulher a partir de um outro arcabouço de experiência, que é a raça. O que se alinha, de certa forma, com o discurso de Lélia González quando explicita que as demandas de mulheres negras não é abarcada pelo movimento feminista universalizante.

Na sua argumentação, pontua que muitos conflitos dentro da comunidade podem surgir a partir do desejo de ser branco, e que esse desejo vai além da vontade de modificações estéticas como afinar o nariz, mas também pela busca incessante de um padrão específico do que é ser uma pessoa “executiva” ou

“intelectual” - presos a paradigmas ocidentais de ser, e que não retira a vulnerabilidade mesmo ao serem alcançados, conforme mostra Sueli Carneiro.

Há um paradoxo que trazemos para o campo da reflexão acadêmica e que está presente hoje na discussão mundial sobre a própria questão do que é o universal. Pessoas negras que alcançam excelência em qualquer área de conhecimento encarnam esse paradoxo, porque suas vidas e suas histórias expressam a resistência aos estigmas que distanciam os negros da vida intelectual e acadêmica. Elas afirmam: “podemos pensar tão bem ou melhor do que vocês”. (Carneiro, 2023, pg. 108)

Não será a performance e seus resultados a partir do modelo meritocrático ocidental que retirará a vulnerabilidade às violências. Com risco ainda de se tornar um símbolo de inclusão enquanto as antigas estruturas se renovam. E, por isso, será pouco produtivo acharmos que trajetórias individuais de sucesso são sinais de que os tempos estão mudando enquanto há necessidade de olharmos para nós como coletivo.

Obirin propõe que olhemos, como comunidade negra, para as tradições africanas e busquemos alternativas de gênero. A questão do gênero também é ampliada quando propõe que “o todo precisa acolher as individualidades para que o todo continue bem” como forma de demonstrar às pessoas que é preciso darmos atenção às identidades de gênero que fogem à binaridade homem e mulher, e que a acolhida dessas pessoas é crucial para que a comunidade esteja bem. O que também pode ser observado por sua prática de utilização da linguagem neutra, como o uso do “todes” em uma publicação no dia 18 de janeiro de 2024 para um curso de descolonização do conhecimento.

Complementa propondo que nenhuma tradição está pronta, abrindo espaço e complementando o discurso para que os desafios de grupos minorizados do mundo de hoje possam também se enxergar nas várias possibilidades de tradição que temos.

No dia 28 de setembro de 2024, em um vídeo publicado nos perfis “@glamourbrasil”, “@naomecolonize” e “@obirinodara”, sendo o primeiro perfil referente a uma grande revista de beleza e que trouxe uma grande repercussão ao conteúdo. É um vídeo de obirin argumentando como a raça modificará a sua experiência de ser mulher. Apesar dos vários comentários, discordantes ou não, há um acontecimento não comum para o perfil “não me colonize” que é um debate sobre o conteúdo na seção de comentários. Uma mulher trans indígena afirma que a ideia funciona a partir de uma lente cisgênero e questiona essa forma de ver de

obirin, que retorna informando que menciona no seu vídeo que a lógica binária de gênero é uma produção colonial.

Achamos importante destacar essa situação pois traz um pouco para a realidade o que é a troca de ideias, percepções e reflexões que ficam sublimadas no Instagram. Também pela interação de obirin, através de sua conta privada, para responder, pois é algo que ocorre com menos frequência. Por fim, por sua compreensão de que seu discurso pode ser interpretado de outras maneiras se não vistos completos, ao mencionar consciência do risco que é um vídeo de 6 minutos em uma rede social. Ao mesmo tempo, a resposta da outra parte indica que o tempo do vídeo não foi capaz de dá-la a sensação de que todos os pontos foram discutidos. Demonstrando para nós que os limites da rede social não permitem aprofundamentos para temas complexos.

Em momentos diferentes, obirin se baseia nas produções de Grada Kilomba e de Audre Lorde. A primeira, evidenciado que os brancos sempre acham nossa perspectiva muito pessoal, o que remonta ao comum processo de pessoas negras apenas como objeto de pesquisa. A segunda, que fala sobre a necessidade urgente de transformar o silêncio em linguagem e som, pois os silêncios não nos protegem. Significa que mesmo que cumpramos com a expectativa colonial de ficarmos em silêncio perante os dispositivos de racialidade, não nos isenta ou abrandam as suas consequências. Então, falemos!

Ambas inspirações falam sobre o discurso, e refletem sobre o poder que é ter o discurso (e de que nos ouçam) e a necessidade de reivindicarmos esse espaço, mesmo que ele seja constantemente negado. E obirin pontua em seu perfil sobre a sua perspectiva de quebrarmos os silêncios, de que é possível quebrá-lo para além da fala, como o escrever. E aqui nos inspiramos no conceito de “Escrevivência” de Conceição Evaristo como forma de reverter essa longa trajetória de silenciamento das mulheres negras. E que elas possam utilizar das diversas plataformas, físicas ou digitais, para realizar seus discursos.

É possível identificar a sua busca pelo coletivo nos diversos encontros presenciais que ela promove. Em um deles, um convite para uma conversa sobre o livro “irmãs de inhame” de bell hooks, reflete uma atitude de aquilombamento, de busca de águas doces para resistir aos processos colonizadores.

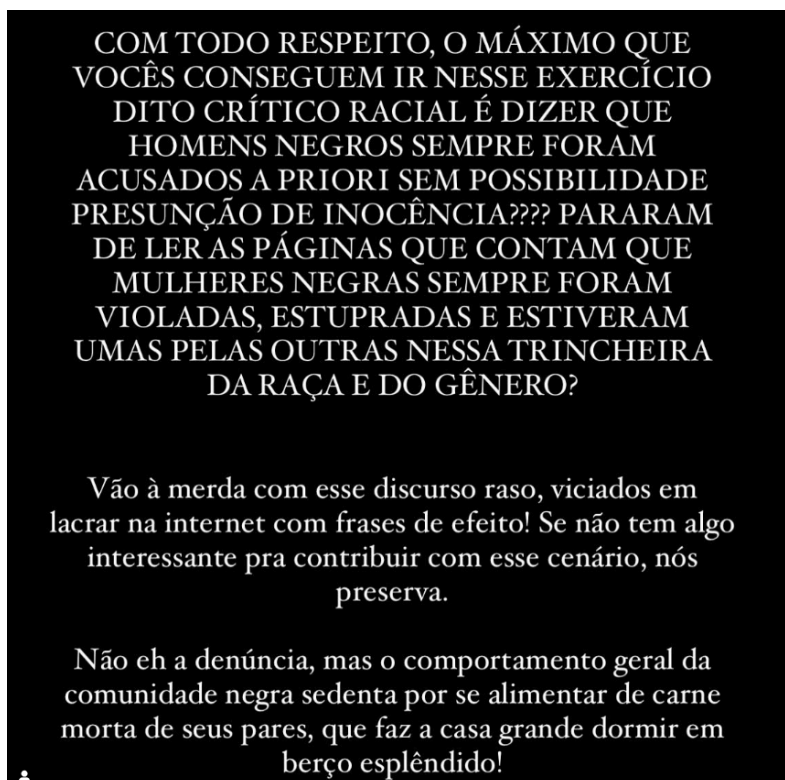
Enquanto esse momento é de acolhida e de cura, temos uma publicação que foge ao padrão discursivo do perfil. No âmbito da denúncia contra o Silvio Almeida,

observamos uma publicação com a utilização de letras maiúsculas para dar ênfase ao seu discurso questionando se o máximo que as pessoas conseguem com suas posturas de críticas quanto à raça é de dizer que homens negros sempre foram acusados sem a possibilidade da presunção de inocência e se pergunta se as pessoas esqueceram de que sempre as mulheres negras foram violentadas nesse sistema que oprime por raça e gênero, e que no fim eram elas por elas.

Conclui, com indignação, de que são discursos pré-fabricados para repercutir bem na internet e de que a comunidade negra ansiosa por repercutir em cima de figuras negras é que faz a casa grande dormir tranquilamente. Podemos destacar aqui sobre os riscos que a busca por algumas “conquistas” (curtidas, compartilhamento e exposição) das redes sociais podem fazer com as nossas pautas.

Esse é um dos discursos menos rígidos de regras e limites do perfil. Também é possível observar pelo uso de uma escrita atribuída à internet como o “eh” para o “é”. Para obirin, o acontecimento reflete a falta de preocupação com as mulheres negras e de que a sua violência repetida só as sobrecarrega e alimenta o sistema colonizante.

Imagem 09 - Publicação



Fonte: Captura de tela do perfil @obirinodara, 2025.

Em outro momento do perfil, ela publica trechos de sua dissertação de mestrado para que ela pudesse lembrar que costumamos nos culpar por todos os nossos insucessos em um ambiente feito para não permitir nossos sucessos. E nesse momento, ela reflete como é a chance de ser uma fuga do que se espera de mulheres negras, base da pirâmide social da sociedade brasileira. Assim, se torna uma importante publicação que gera conexões com as pessoas nos comentários, algumas expondo, inclusive, experiências pessoais com semelhanças à de obirin. Dentre comentários elogiosos, há aqueles que pedem mais informações sobre como acessar o material para ler. O que para nós, é um grande exemplo do que pode ser uma prática de Ciberquilombismo proposto por Nelza Franco.

6.2 Água mole, palavra dura, tanto bate até que inunda

Após analisarmos o perfil com toda a bagagem teórica dos nossos estudos, apresentamos neste subcapítulo os principais resultados da pesquisa.

Considerando que o perfil surgiu no período do seu mestrado, ficou para nós a impressão de que o perfil é parte de um processo de aquisição de conhecimento, reflexões individuais e depois compartilhadas publicamente. Parecendo assim, uma lógica muito mais próxima de um *blog* nos moldes mais tradicionais da internet do que o da atual lógica industrial de produção de conteúdo. O que pode ser observado pela mudança nos padrões visuais das publicações.

Não identificamos nenhum traço explícito de busca por autoridade, como exposição de forma exaustiva do seu atual momento da carreira acadêmica, o doutorado, e a sua linha de pesquisa. Inclusive, ela se apropria de uma linguagem mais informal e também próxima do que é veiculada na internet, provavelmente para criar conexão. Sendo interessante observar como há também influência da sua experiência acadêmica em sua escrita.

Vemos que ela utiliza principalmente ferramentas fornecidas pelo Instagram para a sua produção de conteúdo, e que costuma trabalhar dentro dos limites estabelecidos pela plataforma, como opções disponíveis de fonte e outras maneiras de edição gráfica, apesar de algumas publicações fugirem à lógica e recorrerem a outras plataformas ou profissionais. Para nós, isso nos dá o sinal de que ela opta

pela entrega da mensagem como objetivo principal, pois recorrer a outras técnicas de produção iriam exigir mais tempo e planejamento. No entanto, observamos que, com frequência, os debates não são aprofundados na plataforma. Atribuímos a dois aspectos, o primeiro deles sendo o fato de ser uma rede social nativa para celular, o que sua arquitetura desincentiva textos grandes, e o segundo aspecto o tempo que cobrado para tal em um ambiente que é feito para você não se entediar e rapidamente se engajar em outro conteúdo.

Considerando todos os encontros presenciais promovidos, nos parece que o Instagram para obirin odara não é a sua principal ferramenta de descolonização.

Destacando que ela é quem gerencia a sua própria conta pessoal (@obirinodara), é relevante lembrarmos que todas as pessoas que publicam no Instagram, independentemente do motivo, têm um desafio de pensar a construção do seu discurso na rede social, o que também demanda tempo e algumas vezes recursos financeiros e técnicos. Logo, esse fato nos revela que ela também é perpassada pelos processos de produção e consumo das redes sociais. E que ela está sujeita a quaisquer mudanças no algoritmo ou nas limitações impostas pela rede social, o que torna mais relevante ainda a sua atuação fora desse meio.

Embora seja afetada pela atual lógica onde o digital tenta alcançar todos os âmbitos da vida, e costuma chegar lá, ela demonstra ter consciência de que há necessidade de pensarmos outros “tempos” e outras formas de ser. E que podemos ter práticas de fugas do sistema visando um futuro amparado na tradição dos povos indígenas e africanos.

PERTENCER ÀS ÁGUAS

A pesquisa foi guiada pela seguinte questão: como a fonte do pensamento do perfil “não me colonize” é reproduzido em um padrão estabelecido de comunicação virtual? Partiremos do objetivo geral de investigar como o perfil articula discursos de resistência e enfrentamento à colonialidade dentro do Instagram, analisando seus conteúdos e estratégias discursivas. Assim, buscamos identificar as principais estratégias discursivas utilizadas pelo perfil para questionar a lógica colonial na plataforma, compreender a intersecção entre raça, ancestralidade e ativismo digital nas postagens da página e analisar os desafios e limitações da descolonização dentro de um espaço digital de uma grande corporação e colonizado como o Instagram.

Neste estudo, buscamos explorar a Análise de Discurso como uma ferramenta que possibilita uma compreensão mais aprofundada dos elementos que nos cercam - como o Instagram, a colonialidade, os discursos, a ancestralidade e a raça. Tal metodologia foi como uma lente que utilizamos para observarmos elementos úteis para responder os objetivos específicos. Como identificar o uso da língua e aspectos visuais para construção do discurso, tamanho da legenda, escolha de cores e outros elementos gráficos utilizados para dar suporte à narrativa. E se os debates promovidos eram aprofundados a partir da interação entre perfil e seguidores. Não menos importante, questionar se, afinal, a lógica de algoritmo e comercial do Instagram estava influenciando a experiência de obirin odara no perfil.

Compreendemos que descolonizar demanda um movimento de adoção de um referencial cultural, teórico (e de prática) capaz de identificar e analisar os aspectos estruturais que sustentam e perpetuam a lógica colonial a fim de renovar as estratégias de resistência e de resiliência de nossos ancestrais, como demonstrou Lélia González quando menciona o Quilombo de Palmares e a nossa contribuição com o pretuguês.

Essa inclinação vem com armadilhas, como a busca por uma trajetória individual de sucesso ou a busca por uma pessoa representante e responsável pelo sucesso das pautas da comunidade negra, não à toa este território tem os mecanismos deles. O que podemos começar a identificar graças a contribuição da Sueli Carneiro com o conceito de Dispositivo de Racialidade.

A pesquisa destacou como o perfil “não me colonize” se configura como um espaço de contestação consciente dentro de uma plataforma digital estruturada para favorecer as lógicas coloniais e neoliberais. A análise evidenciou que descolonizar o digital não se trata apenas de disputar narrativas, mas de subverter práticas discursivas e ressignificar as formas de ocupação desse espaço. E que não podemos simplesmente nos furtar de não estar nesses espaços, pois assim seria deixar o campo aberto para o projeto deles e que não nos tornaria menos vulneráveis. Isso sem mencionar os “benefícios” diretos e indiretos concedidos pela presença nesses lugares. Propomos repercutir, portanto, a ideia de obirin de estarmos no ambiente com as tecnologias de assujeitamento deles com a sagacidade de quem já estava aqui e das populações forçadas a estarem aqui.

Nesse contexto, o corpo negro é central, pois nunca deixou de se movimentar, e é exatamente esse movimento que o sistema teme. Ele teme porque reconhece que, na ancestralidade negra, estão guardadas outras formas de existência, outros mundos possíveis, que criam fissuras no sistema branco. Como destacado em uma publicação da página “não me colonize”, enquanto o sistema escolhe a violência e a morte, respondemos com malícia e estratégias de sobrevivência. Essa resistência reafirma a potência do corpo negro em questionar e desestabilizar as estruturas coloniais.

Aprendemos também que apesar da linha tênue dos limites entre o real e o virtual, onde é possível enxergar presença do trabalho e do *shopping* no espaço privado, ainda podemos encontrar fugas e se nutrir deles. Como obirin sugere, o corpo na roda de samba.

o corpo é quem produz teoria, e sambar é um tipo de linguagem. imagina quantas não existem e a gente ignora só pq o ocidente inventou de botar a cabeça como referência do pensar/produzir conhecimento? (obirinodara, 2023, n.p.)

Assim como um dos capítulos de nosso estudo, Peixe de água doce no mar - retirado de uma publicação da página, que exemplifica um ambiente pouco favorável para a sobrevivência, nos engajou para esse anseio de querer se debruçar ainda mais sobre a análise e as demais temáticas que surgem a partir dessa pesquisa, amparados na Escrivivência de Conceição Evaristo e contribuir com o rompimento do silêncio que temos feito há séculos como comunidade. Entretanto, o tempo reduzido para a análise delimitou o escopo da investigação, impossibilitando um

mergulho mais profundo em outros aspectos. Como também foi desafiadora a escrita em dupla, com forma de escrever, rotinas e trajetórias de vida diferentes, ao mesmo tempo que vemos como algo a ser celebrado porque não é possível imaginar um futuro se não for de forma coletiva.

Dentre as questões que emergiram, a forte interligação entre os perfis “obirin odara” e “não me colonize” revelou um interessante fluxo discursivo. Apesar de suas diferenças funcionais, os dois espaços dialogam entre si e se complementam na construção de uma narrativa de resistência e reafirmação identitária, afinal, trata-se da mesma pessoa-autora. Um estudo mais prolongado permitiria investigar como esses discursos são construídos e inter-relacionados, aprofundando as estratégias de subversão às lógicas colonizantes da plataforma.

O Instagram também é um objeto de estudo desafiador porque não é possível termos acesso a todas as informações possíveis, como quantidade de pessoas alcançadas, dados demográficos sobre o público e outras informações que poderiam amplificar a nossa visão. Além disso, é um objeto de estudo dinâmico e que se modifica constantemente devido a expectativa de uso diário por parte dos usuários. Há também uma grande vulnerabilidade que é a possibilidade de exclusão ou de edição dos materiais.

Sugerimos que futuros trabalhos se dediquem a explorar as mudanças implementadas pela Meta, analisando seus impactos sob o conceito de colonização digital. Como por exemplo, o recente anúncio de Zuckerberg, dono e proprietário da rede social Instagram, informando que a Meta eliminará checagem de fatos externos e adotará o mesmo modelo da rede social X de Elon Musk - isso é, não haverá mais o sistema de checagem de veracidade de informações. Uma ação totalmente política, com o novo mandato (2025) do presidente de extrema direita Donald Trump, que potencializa processos colonizantes, permitindo a perpetuação e circulação de discursos racistas e misóginos, o que poderia dificultar ainda mais as ações descolonizantes em ambientes digitais. Investigações que contemplem essas questões são fundamentais para compreender como a configuração algorítmica e as políticas comerciais das plataformas moldam as interações discursivas e ampliam desigualdades estruturais.

Outro limite significativo desta pesquisa foi o uso de sistemas pertencentes a grandes empresas de tecnologia, que reproduzem as dinâmicas de concentração de poder e monopólio do capital. O livro *Colonização Digital*, nos sugere a possibilidade

de uso de softwares livres, cuja dinâmica vai contra a lógica concentradora/monopolista das outras empresas. Podendo então, escapar da lógica centralizadora das *big techs*, ainda que sua implementação dependa de um esforço coletivo e de um movimento contra-hegemônico mais amplo. Essa seria uma transição importante, por mais que soe como utópica, para desafiar as estruturas que perpetuam a colonialidade no ambiente digital.

Por fim, reafirmamos que a descolonização no Instagram, embora desafiadora, não é impossível. As práticas discursivas do perfil “não me colonize” nos mostram que resistir em um sistema colonizante é um ato de criatividade, resiliência e coragem, ainda que limitado por barreiras estruturais. Este trabalho encerra-se como um convite à reflexão e ao fortalecimento de práticas que, como as de obirin odara, são como rio que perpassam as pedras no caminho encontrando brechas para subverter e reconfigurar os espaços digitais como territórios de luta e resistência.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Clara Gonçalves e. **Comunicação preta: uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube**. 2018. 76 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/20613>. Acesso em: 09 de jan. de 2025.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: Por uma crítica hacker-fanoniana**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.
- FERRARI, Victoria Lima. **O processo de transformação da representação social das mulheres negras nas campanhas publicitárias da Avon Brasil por meio das redes sociais**. 2019. 93 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/22846>. Acesso em: 09 de jan. de 2025.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCO, Nelza Jaqueline Siqueira. **Griots e Tecnologias digitais**. 1. ed. São Paulo: Editora IBPAD, 2023.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. 1. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.
- HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde: 2019: atenção primária à saúde e informações antropométricas**. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE; 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEITURAS BRASILEIRAS. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência**. YouTube. 06 de fevereiro de 2025. Disponível em:

<<https://youtu.be/QXopKuvxevY?si=K7Qn0-z2sJHkEbHc>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **Griots e Tecnologias digitais**. 1. ed. São Paulo: Editora IBPAD, 2023.

MACHADO, Matheus B; LOPES, Caio V. S.; RIBEIRO, Ailton; PESTANA; Maria Clara; VIEIRA, Vaninha. **Stories e Lives no Instagram: comunicação temporária sensível ao contexto**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS COLABORATIVOS (SBSC), 16. , 2021, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p.107-118. ISSN 2326-2842. DOI: <https://doi.org/10.5753/sbsc.2021.16025>.

MARTINS, Kelly Cristina Monteiro. **Interculturalidade e questões étnico-raciais nas redes: possibilidades educativas na comunicação digital**. 2023. 61 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/37282>. Acesso em: 09 de jan. de 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PELLANDA, Eduardo Campos; STRECK, Melissa. Instagram como Interface da Comunicação Móvel e Ubíqua. **Revista Sessões do Imaginário**, v. 22, n. 37, p. 10-19, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3710.2017.1.28017>.

QUILOMBO DA UFRJ. **Conceitos: decolonial, contracolonial, anti-colonial, pós-colonial, eurocentrismo e de quilombo**. YouTube. 22 de outubro de 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/ybscnBdil4c?si=xu54WYX0w8VXioWw>>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2024.

SALES, Laryssa Oliveira. **Ayabas : o poder feminino**. 2020. 34 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/34252>. Acesso em: 09 de jan. de 2025.